

# **A CRIATIVIDADE**

## **A Necessidade da Promoção da Atividade Criadora no Pré-Escolar**

---

**Vera Maria Dória Nóbrega de Moser**

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a  
Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar  
Julho de 2015

---



**Instituto Superior de Educação e Ciências**



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas para obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a  
Docência em Educação Pré-Escolar

**A CRIATIVIDADE**

A Necessidade da Promoção da Atividade Criadora no Pré-Escolar

Autora: **Vera Moser**

Orientador: **Mestre Joanna Latka**

Julho de 2015



## **AGRADECIMENTOS**

À minha família que sempre me apoiou.

À professora Joanna Latka que me acompanhou e ajudou nesta jornada.

À Carolina, Joana e Teresa por terem sido sempre minhas amigas.

“Aquilo que surpreende os outros não é tanto aquilo que fazemos, mas o que nos sentimos felizes em fazê-lo e sorrimos fazendo-o.” Madre Teresa de Calcutá



## **RESUMO**

O presente relatório trata de uma investigação-ação, baseado no tema da promoção da criatividade através da Expressão Plástica. O indivíduo vai-se apoderando dos processos criativos através da produção e da posterior reflexão do trabalho realizado.

É a partir do juízo que a criança realiza, que o educador é capaz de recolher informações sobre os seus sentimentos e o modo como esta observa o mundo que a rodeia. “A expressão plástica não se limita a comunicar apenas mensagens convencionais mas também algo de muito pessoal, que pode levar a alterar códigos conhecidos.” (Rodrigues, 2002, p. 14).

Com a realização deste relatório, pretendemos fomentar os processos criativos das crianças e ainda compreender a forma como a educadora trabalhava na sala de 5 anos de um colégio em Lisboa. Refletimos também sobre o papel do adulto, como membro incentivador ou inibidor da ação criadora.

Durante todo o percurso tivemos em conta a diversidade das técnicas utilizadas, fomentando o conhecimento do grupo. Realizamos observações e intervenções planeadas, promovendo as áreas de interesse do estudo. Desta forma, o objetivo principal do trabalho é evidenciar as potencialidades da atividade criadora da criança, frisando a urgência no ato do desenvolvimento.

### **Palavras-chave:**

Criatividade, Processos Criativos, Expressão Plástica, Pré-Escolar, Educador.



## **ABSTRACT**

The following research project consists of an investigation based on a theme promoting creativity through the plastics. It is through the production of numerous essays and the posterior reflection and judgement of the work accomplished, that an individual starts to possess creative processes.

It is from our judgement, elaborated from its production, that a kindergarten teacher is capable of gathering information about a child's feelings and the way in which they view their surroundings/ the world around them. "A expressão plástica não se limita a comunicar apenas mensagens convencionais mas também algo de muito pessoal, que pode levar a alterar códigos conhecidos." (Rodrigues, 2002, p. 14).

With the completion of this report, we aim to develop children's creative learning and understand the ways in which the kindergarten teacher worked in a class of 5 year olds from a school in Lisbon. On top of that, the role of the adult is still portrayed as being an incentive one towards the children.

Throughout the whole way, the diverse techniques used have been taken into account, stimulating the group knowledge. Planned observations and interventions have also been fulfilled, promoting the interest areas in the study.

Thus, the focal objective of this exploration is to highlight the potential of the founding activities of a child, emphasising greatly on the developing stage.

### **Key word:**

Criativity, Creativ Process, Artistic Expression, Preschool, Kindergarten Teacher.



## ÍNDICE GERAL

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>I</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>III</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>V</b>
<b>ÍNDICE GERAL .....</b>	<b>VII</b>
<b>INDÍCE DE FIGURAS.....</b>	<b>IX</b>
<b>LISTA DE SIGLAS .....</b>	<b>XI</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 - QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO.....</b>	<b>5</b>
1.1 PENSAMENTO CRIADOR.....	5
1.2 O QUE É A CRIATIVIDADE? E PARA QUE A UTILIZAMOS? .....	6
1.3 DESENVOLVIMENTO INFANTIL – PRÉ-ESCOLAR .....	7
1.4 A EXPRESSÃO PLÁSTICA NAS DIFERENTES ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	9
1.5 A EXPRESSÃO PLÁSTICA NOS DIFERENTES DOMÍNIOS.....	11
1.6 A EDUCAÇÃO E O EDUCADOR NO ESTÍMULO DA CRIATIVIDADE .....	12
<b>CAPÍTULO 2 - PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA .....</b>	<b>17</b>
2.1 PROBLEMÁTICA.....	17
2.2 <i>DESIGN</i> DE ESTUDO .....	19
2.3 PARTICIPANTES .....	20
2.4 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS.....	21
<b>CAPÍTULO 3 – RESULTADOS .....</b>	<b>23</b>

<b>1ª FASE – A INFLUÊNCIA DO ADULTO.....</b>	<b>24</b>
<b>2ª FASE – O DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE CRIADORA RECORRENDO À EXPRESSÃO PLÁSTICA... 30</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO 1 .....</b>	<b>49</b>
QUESTIONÁRIO REALIZADO À EDUCADORA .....	49
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>55</b>
RELATÓRIO DIÁRIO – DESENHO PRÉ-FEITO DA MÁSCARA DE CARNAVAL .....	55
<b>ANEXO 3 .....</b>	<b>59</b>
RELATÓRIO DIÁRIO - DESENHO A PARTIR DA HISTÓRIA “O MEU GATO É O MAIS TOLO DO MUNDO” .....	59
<b>ANEXO 4 .....</b>	<b>65</b>
RELATÓRIO DIÁRIO - EXPERIÊNCIA SOBRE A INFLUÊNCIA DO ADULTO .....	65
<b>ANEXO 5 .....</b>	<b>73</b>
RELATÓRIO DIÁRIO – DESENHO A PARTIR DE UM OLHO PRÉ-COLADO NA FOLHA .....	73
<b>ANEXO 6 .....</b>	<b>77</b>
RELATÓRIO DIÁRIO - TÉCNICA DE PONTILHISMO .....	77
<b>ANEXO 7 .....</b>	<b>83</b>
RELATÓRIO DIÁRIO – DESENHO ABSTRATO E ESCULTURAS DE MIRÓ .....	83
<b>ANEXO 8 .....</b>	<b>89</b>
RELATÓRIO DIÁRIO – PINTURA COM GIZ .....	89

## INDÍCE DE FIGURAS

<i>Figura 1</i> Desenhos pré-feitos realizados por três crianças diferentes.....	27
<i>Figura 2</i> À esquerda panfleto orientado pela educadora; à direita trabalho de grupo implementado pela investigadora.....	28
<i>Figura 3</i> Desenho inspirado na história "O meu gato é o mais tolo do Mundo".....	28
<i>Figura 4</i> Comparação visual entre desenho pré-feito sobre o dia do pai e desenho livre sobre o dia da mãe.....	30
<i>Figura 5</i> Em cima sem influência do adulto, em baixo com influência da investigadora..	32
<i>Figura 6</i> Desenho de uma cara partindo de um olho.....	33
<i>Figura 7</i> Desenhos com recurso à técnica de pontilhismo.....	34
<i>Figura 8</i> Uma máquina de lavar estragada realizada pelo T. ....	37
<i>Figura 9</i> Técnica de desenho com giz.....	38
<i>Figura 2</i> Ilustração de Saint-Exupéry (1946) .....	43



## **LISTA DE SIGLAS**

- OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar



## INTRODUÇÃO

Etimologicamente, a palavra criatividade vem do verbo *creare* em Latim, que quer dizer gerar ou produzir. O processo criativo gera algo de novo, e este resulta das experiências vividas pelo indivíduo e pelas situações em que se encontra envolvido. Quando estimulada no processo de aprendizagem, a criatividade, pode promover um desenvolvimento pleno, formado por uma consciência crítica de si, do outro e do meio.

Amabile (2012) acrescenta que a criatividade é a capacidade de criar uma solução para os nossos problemas do cotidiano. Visto que é uma capacidade inata, se for explorada e estimulada de forma correta, pode ser responsável por grandes invenções, tais como a roda, a lâmpada ou o rádio.

Este processo é uma faculdade da mente (com base nas emoções), que passa por fases de descoberta e entendimento pessoal promovendo o desenvolvimento consciência de si mesmo. Existem indivíduos, cuja capacidade de criação possui maior presença na sua vida, isto deve-se à receptividade que cada pessoa apresenta sobre o tema. Em todos os casos, os processos criativos podem ser estimulados, desafiando a mente a dar uma resposta rápida e a solucionar os mais variados problemas.

A criança deve ser incentivada “a atingir o seu máximo potencial criativo, esta é uma ferramenta que lhe vai ser útil durante toda a sua vida e que deve desde cedo ser motivada.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) 1997, p. 56). Durante a infância devem ser proporcionadas aprendizagens significativas, de modo a dar oportunidade de desenvolvendo a flexibilidade cognitiva. São as diversas experiências vividas que vão inferir no indivíduo a capacidade de pensar complexamente. (Morin, 2001).

A criatividade necessita de interligar três fatores, Amabile (2012) defende-os como sendo a habilidade de domínio, os processos criativos e a motivação. A habilidade de domínio é o conhecimento das técnicas disponíveis e saber como aplicá-las; no jardim-de-infância pode ser manipular a tesoura ou pegar corretamente no lápis. Os processos criativos estão relacionados com o próprio indivíduo, as suas vivências, a personalidade, a disciplina, a persistência e a capacidade de abordar uma situação através de uma nova perspectiva. Finalmente, a motivação passa pelo prazer que existe

pelo desafio proposto. É ao conjugar estes três fatores de forma equilibrada que o indivíduo vai ser capaz de produzir um pensamento criativo.

Ao abordar a temática, diversos autores vão relacionar a criatividade com a inteligência. Existem estudos que pretendem comprovar se um sujeito mais inteligente possui maior implicação criativa. Gordon e Clero (1997) verificaram que não existia correlação direta entre estes dois fatores, sendo observado que existiam muitos indivíduos criativos com um Q.I. inferior à média, e encontraram casos de pessoas não criativas com um Q.I. bastante superior à média. Não podemos então relacionar estas duas medidas, a criatividade vai é independente do nível de inteligência, contudo um indivíduo mais inteligente pode ser capaz de desenvolver a capacidade criadora de forma autónoma.

O pensamento criativo aparece intimamente ligado às diferentes técnicas de expressão, pois estas pressupõem a criação de algo e estão intimamente ligadas à comunicação. Nas Metas de Aprendizagem para o Pré-escolar, o Ministério da Educação insere a criatividade no domínio das Expressões, esta é descrita como sendo uma competência essencial para o crescimento da criança presente nas diferentes formas de expressão: Plástica, Dramática, Musical, Dança e Movimento.

O desenvolvimento de atividades artísticas dão a liberdade de exprimir o que sente, e de criar algo que não esteja sujeito à apreciação do adulto, “é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades” (Rodrigues, 2002, p. 160).

A Expressão Plástica é ainda significativa no desenvolvimento pois, para além de expandir as competências de motricidade fina e o sentido estético, ainda amplia outras como a emergência da leitura e da escrita através da aquisição gradual dos diversos códigos gráficos.

O presente estudo sobre a criatividade, engloba um levantamento teórico e observações diretas sobre a criatividade efetuadas numa sala de jardim-de-infância. Será que o adulto influencia a criatividade de uma criança? Como é que se podem desenvolver as competências criativas?

Esta temática surgiu no decorrer da Prática Educativa no último ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar. As atividades onde as crianças podem recorrer ao uso da criatividade acontecem somente no recreio, quando estas brincam livremente criando os mundos e as brincadeiras que desejam.

Notámos que, na escola, é dada pouca importância à realização de projetos que incentivem as crianças a serem criativas expondo novas soluções e analisando problemas, através de diferentes perspetivas.

Infelizmente, dentro da sala, não existem muitas intervenções artísticas que deem oportunidade às crianças de expressarem criativamente as suas ideias. Foi examinado que todos os trabalhos eram bastante semelhantes, e só se diferenciava a escolha das cores para pintar. As crianças seguiam sempre o modelo imposto, ou porque o trabalho apresentado era a elaboração de uma ficha de trabalho, ou porque era desenhado no quadro o que as crianças deveriam copiar. Foi ainda constatado que o adulto era responsável por ser impeditivo no processo criativo. Na sala não era permitido o uso da cor preta ou castanho-escuro nos desenhos, e estes tinham sempre de representar a realidade (era impossível desenharem um telhado verde, ou uma flor maior que uma casa, ou um monstro com quatro braços).

O presente estudo tem como participantes crianças com 5 anos. Gordon e Clero (1997) afirmam que, com esta idade as atividades de Expressão Plástica realizadas, não têm preocupação com a realidade, e não procuram adequar as diferentes proporções dos desenhos ou as cores ao contexto real. Em várias situações, é possível constatar que, existe preferência sobre as cores que criam contraste com a folha, não querendo com isto afirmar que existem perturbações do foro psicológico quando a utilização da cor preta é excessiva.

“Numa idade em que as crianças ainda se servem muitas vezes do imaginário para superar lacunas de compreensão do real, importa que a educação pré-escolar proporcione situações de distinção entre o real e o imaginário e forneça suportes que permitam desenvolver a imaginação criadora como procura e descoberta de diferentes “mundos”. (OCEPE, 1997, p. 56).

É então essencial que o educador tenha presente a necessidade que as crianças têm, de o que realmente desejam e como desejam, sendo livres de inventar e criar algo

novo sem sofrerem represálias. Lowenfeld (1980) afirma que “Os desenhos ou as pinturas infantis não precisam de nos agradar pelos efeitos externos. A arte infantil não pode exercer melhor efeito sobre nós do que vemos os nossos filhos crescerem e serem felizes, graças às suas manifestações espontâneas” (p. 36). É fundamental que não obriguemos as nossas crianças a respeitar nossos conceitos sobre o «bonito».

Ao tornar-nos conscientes da influência do adulto nos comportamentos do grupo e como modelador da sua personalidade, achámos que era um ponto que deveria ser desenvolvido e trabalhado na sala. Foi através da elaboração de vários trabalhos de expressão plástica que tentamos promover a capacidade criadora.

O educador desempenha um papel fundamental, é ele quem vai definir estratégias e objetivos proporcionando ao grupo um desenvolvimento integral. Deve ser consciente da necessidade de promover a criatividade, para que a criança seja capaz de resolver os seus problemas do quotidiano autonomamente, para isso é necessário que realize atividades que permitam a exploração total do ambiente que as envolve.

Visto que as crianças estão no último ano do pré-escolar, compreendemos que é essencial aproveitar o tempo que resta para explorarem o seu potencial criativo através da Expressão Plástica, desenvolvendo as suas capacidades criadoras. É essencial que as escolas foquem a formação integral dos meninos nas diferentes áreas de conhecimento, dando espaço e tempo para estes realizarem as suas próprias criações dotadas de estabilidade emocional, descobrindo o mundo que as rodeia e adquirindo um espírito crítico.

O estudo proposto tem por base uma investigação-ação. Foi implementado numa sala com 18 crianças de 5 anos da área de Lisboa, onde foi possível avaliar qualitativamente a capacidade criativa através da elaboração de diversos projetos que permitiam à criança explorar diferentes técnicas de expressão plástica.

Esta temática veio mostrar-se muito pertinente pois, ao serem inseridas algumas atividades complementares, foi possível conceder uma nova dinâmica à sala. Durante este estudo, com o objetivo de promover a atividade criadora, aplicamos diversas estratégias com recurso a atividades de expressão plástica tais como: desenho livre ou orientado, utilização de técnica de pontilhismo e escultura.

## CAPÍTULO 1 - QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO

### 1.1 PENSAMENTO CRIADOR

Todos os seres humanos têm a capacidade de gerar novas ideias, esta é uma capacidade inata que cada pessoa desenvolve consoante as suas predisposições e os estímulos recebidos na infância (Torre, 2005). A mente utiliza dois tipos de pensamento o pensamento convergente, para o qual convergem as ideias do real, e o pensamento divergente, responsável pela criação de novas ideias e soluções para um problema.

Enquanto o pensamento convergente é mais ligado ao intelecto, acabando por ser mais abordado e com maior ênfase na vida escolar, o pensamento divergente é aquele que, como defende Gonçalves (1991), é responsável pelo processo da imaginação da criação de soluções para problemas, este une conceitos já conhecidos dando-lhes uma nova abordagem.

O pensamento divergente também se distingue por não apresentar uma resposta válida, como Lowenfeld (1974) afirma, este aceita uma quantidade infinita de soluções, pois não existe o conceito “certo” ou “errado” nos problemas relacionados com o desenho.

É através do contato com diferentes experiências que se dá o desenvolvimento da atividade criadora, abrindo horizontes que tornam o pensamento divergente mais amplo e completo possível, sujeito a variadas combinações de fatores. “A ideia de “mole” não se forma antes nem depois da ideia de “duro”, mas sim ao mesmo tempo, num choque que é a criação” (Rodari, 1993, p. 30).

O mesmo autor foca-se na importância da criatividade e da sua fomentação durante a toda a vida, é possível educar o processo criativo utilizando várias ferramentas pois a imaginação é como uma ferramenta de libertação dos estereótipos criados pela sociedade, “Não para que todos sejam artistas, mas para que ninguém seja escravo” (Rodari 1993: 17).

A criatividade insere-se, portanto, no pensamento divergente, no plano da psicologia estes dois conceitos poderiam ser considerados como tradução direta. Mas

qual é realmente a definição de criatividade? Como definimos este conceito que é tão abstrato e, em última análise, fruto da imaginação de cada indivíduo?

## **1.2 O QUE É A CRIATIVIDADE? E PARA QUE A UTILIZAMOS?**

Do pensamento divergente faz parte a criatividade, sendo esta a capacidade de imaginar e reunir ideias pré-concebidas dando origem a um ato criador, ou seja, face a um problema é necessário existir um pensamento inovador para encontrar a solução mais adequada. É necessário existir a criação de algo, para a condição da criatividade ser reconhecida. “Todos os indivíduos são potencialmente criativos” (Gonçalves, 1991, p. 23).

Este conceito não está totalmente concordado na comunidade investigativa. Segundo Gordon e Clero (1997) afirmam como sendo um processo de transmissão de ideias novas, ou seja só é criativa uma pessoa que cria um conceito novo e inexplorado. Para os mesmos autores pode-se considerar todo e qualquer processo de invenção onde se cria algo novo, “Considera-se a criatividade como um comportamento produtivo, construtivo, que se manifesta em ações ou realizações.” (Lowenfeld, 1974, pg. 62). Contudo, o que ambas tem em comum é de só aceitarem como sendo a origem de um ato criador, ou seja, tem sempre de existir um produto final.

Robinson (2010) defende que é a faculdade do pensamento que nos permite ser livres através da utilização de ideias próprias e, é através da imaginação que somos capazes de transportar para o real coisas que não estão ao alcance dos sentidos, tais como os sentimentos mais profundos.

O pensamento criativo é obra da mente e esta passa por várias etapas até chegar ao resultado final. Wallas (1926) (citado por Sousa 2003) refere quatro fases do processo, sendo estas a preparação, a incubação a iluminação e a verificação. Para Wallas, sem estes processos o pensamento não é capaz de chegar ao resultado final. É então vista como o processo de interrogação interior, de procura de uma solução e finalmente de criação de algo. É essencial que o indivíduo seja dotado de um espírito crítico, interrogativo e curioso, para que seja capaz de alcançar o fim desejado.

Existe no Homem uma predisposição para criar algo, e esta função está tão presente no desenvolvimento das capacidades como o pensar ou aprender a falar;

contudo esta habilidade de criar necessita de ser estimulada. É essencial que a criança seja capaz de pensar sobre um tema, formular e encontrar respostas para o problema apresentado. Essa aptidão deve ser treinada, estimulada e colocada à prova, desenvolvendo o espírito crítico em relação a diferentes temas, tornando-se assim um ser mais curioso e desperto para o mundo. Gordon e Clero (1997) complementam afirmando que para a atividade criadora poder existir plenamente é necessário um clima liberal, onde não existam represálias da sociedade, por pensar ou agir “*outside the box*”.

Taylor, no estudo de Sousa, já referido anteriormente caracterizou cinco tipos de criatividade: 1) Expressiva, o indivíduo expressa as suas emoções e sentimentos sem preocupação com o resultado final do ato criador - são exemplos o desenho livre, as artes dramáticas e a expressão verbal. 2) Produtiva, o resultado final tem um enorme relevo tendo maior impacto que a própria expressão - são exemplo a investigação científica. 3) Inventiva, como o próprio nome indica, é o aliado da criatividade com a capacidade de projetar e inventar algo novo criando um resultado inesperado e inovador - são exemplos as grandes invenções como a lâmpada, a rádio e a televisão. 4) Inovadora, este tipo de criatividade é responsável pela inovação, pelo reinventar algo dando novas perspetivas e conceções a algo que já fora inventado anteriormente. O autor aponta Einstein como um exemplo deste tipo de criatividade. 5) Emergente, é um tipo de criatividade intrínseca na vida de um grande artista, só é conseguida em grandes génios dotados de uma extrema facilidade criativa como é o caso de Camões, Mozart e Picasso.

### **1.3 DESENVOLVIMENTO INFANTIL – PRÉ-ESCOLAR**

O presente estudo foi realizado com um grupo de crianças de 5 anos. Para melhor compreensão das características do grupo sentimos a necessidade de ter um conhecimento mais aprofundado sobre esta faixa etária. Sabendo que, é através do “conhecimento da criança e da sua evolução que constitui o fundamento da diferenciação pedagógica que parte do que esta sabe e é capaz de fazer para alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades.” (OCEPE 1997, p.25).

Na base de estudos dos diversos autores influentes, foi realizado um levantamento teórico de modo a conhecer melhor as particularidades e necessidades que podem existir numa sala de 5 anos.

O que marca esta faixa etária (3-5 anos) é a conquista do mundo que a rodeia, ainda existe uma forte ligação com o mundo imaginário mas, progressivamente começa a existir uma perceção do real cada vez mais intensa. É no contato com os pares e em situações lúdicas que vai ser desenvolvida a autonomia e a responsabilização. Sousa (2003) afirma que dos 4 aos 6 anos começa a existir a expansão da capacidade criadora, dando início aos processos mentais de planeamento da ação.

Para Vygostsky, o contexto social onde a criança se insere, bem como as interações sociais são fundamentais na aprendizagem, “na perspectiva sócioconstrutivista (...) a aprendizagem feita através das interações socioculturais enriquecida por adultos e pares é o impulsionador do desenvolvimento, nomeadamente do desenvolvimento cognitivo” (Folque, 1999, p.5).

Piaget (citado por Mata, 2001), define esta etapa como sendo o estado da inteligência pré-operatória. Segundo o autor, é neste momento que a função simbólica ganha força e através dela é possível estabelecer interações. Neste momento começa também a ser possível a nomeação de algo que não está presente.

A capacidade de criar está presente na criança desde que ela é capaz de pensar, esta “atividade criadora constitui uma necessidade biológica cuja satisfação é absolutamente necessária para o desenvolvimento óptimo do ser humano em crescimento” (Gloton e Clero 1997, p 42). Estas têm uma maior predisposição para irem ao encontro do desconhecido pois estão sedentas de descodificar o mundo à sua volta, “a atividade criativa implica o prazer de fazer, a curiosidade, o estudo e uma predisposição natural para se experimentar o que ainda não se sabe.” (Gonçalves, 1991, pg. 25).

Resumindo, é essencial proporcionar situações de aprendizagens significativas e que seja dado espaço e tempo para as crianças pensarem e formularem hipóteses, dando oportunidade de errarem e de voltarem a experimentar. Vai ser através das diferentes experiências e situações vividas que as informações recolhidas do mundo vão ser correlacionadas e interligadas, partindo depois para a descoberta de novas

propostas de soluções. Só desse modo é que estas se vão desenvolver autonomamente e com predisposição para aceitar os novos desafios colocados.

A arte desenvolvida pelas crianças sofre mudanças ao longo do tempo e, à medida que vão crescendo, as suas aptidões artísticas vão-se tornando mais maduras, adquirindo maior controlo e precisão no uso dos diferentes materiais através da maturação da motricidade fina. As vivências e experiências que as crianças estão sujeitas, vão influenciar o modo como estas veem e representam o mundo que a rodeia, pois a ação criadora é o reinventar o que já se viu misturando e alterando as suas condições.

#### **1.4 A EXPRESSÃO PLÁSTICA NAS DIFERENTES ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Neste capítulo focamos a fase Pré-Esquemática e, visto que o grupo em estudo tem 5 anos, julgamos que é necessário tomar conhecimento de algumas necessidades e características da fase anterior e da posterior. É essencial que o educador seja consciente das diversas etapas de desenvolvimento da criança, dando apoio segundo as suas características individuais e tendo em conta o ritmo de desenvolvimento de cada uma.

Vários autores definem as diversas fases do desenvolvimento do desenho e caracterizam-nas. A fase das garatujas é visível nos mais pequenos até por volta dos dois/ três anos, e é caracterizada pelo descontrolo de movimentos. A criança cria riscos aleatórios geralmente seguindo sempre a mesma direção. É incentivada pelo prazer da atividade e não existe interesse no resultado final, “o entusiasmo motor é quem comanda, e a criança não está minimamente preocupada com a aparência do produto final, se bem que geralmente fique agradada com o facto dos seus movimentos vigorosos deixarem marcas visíveis no papel” Golomb (1974) (citado por Hohmam 2004, p. 513). À medida que vai praticando, vai ser capaz de criar formas que se fechem e posteriormente formas circulares que repete indefinidamente, este é um enorme avanço ao nível da capacidade de concentração e do controlo visuo-motor.

Piaget denomina por fase Pré-Esquemática aquela que surge por volta dos 4/5 anos. São iniciadas tentativas de representação do esquema corporal, desenhando “a representação típica de um homem apenas com cabeça e pés” (Lowenfeld, 1974, p. 54). Hohmam (2004), acrescenta que a criança representa imagens da sua mente de forma económica salientando somente os aspetos que lhe interessam verdadeiramente. À medida que surge aquisição do esquema corporal, a sua representação também apresenta maior pormenor; contudo, é essencial salientar que esta é uma aprendizagem demorada e é preciso dar tempo à criança para experimentar e seguir novos caminhos.

É ainda nesta fase que os desenhos começam a receber significado e, muitas vezes, a criança ao produzir uma obra vai narrando os acontecimentos que produz tal como se tivesse a contar uma história. Muitas vezes recorre a antropomorfização, ou seja dá características humanas a elementos da natureza, como por exemplo desenhar uma boca no sol.

A seleção das cores geralmente não tem relação com a realidade, neste estágio as cores utilizadas são aquelas com que possui mais afinidade, ou as que fazem maior contraste com a folha. Contudo depende sempre do interesse emocional colocado em cada trabalho. A partilha das conquistas realizadas e a importância de mostrar ao adulto as suas obras é também característico desta fase, é essencial que o adulto explore esta motivação de partilha incentivando ao diálogo e à partilha oral do que foi realizado.

Em todos os momentos do desenvolvimento, a criança deve ser estimulada a produzir e posteriormente refletir sobre o que realizou, sendo incentivada a fazer novas experiências segundo os seus interesses e motivações.

As OCEPE (1997) defendem que é essencial valorizar os processos de expressão plástica estimulando a aperfeiçoar as suas aptidões adequando-as às suas capacidades. As atividades de Expressão Plástica implicam um forte envolvimento sendo possível registar o prazer e o desejo de explorar as diferentes valências.

Quando as crianças são pequenas é fácil que o educador as incentive a realizarem experiências novas, pois estas têm uma maior predisposição para irem ao encontro do desconhecido. “A atividade criativa implica o prazer de fazer, a curiosidade, o estudo e uma predisposição natural para se experimentar o que ainda não se sabe.” (Gonçalves, 1991, pg. 25).

A criatividade é marcada pelas suas vivências, pela curiosidade natural pelo mundo que a rodeia e pelas oportunidades que são dadas para criar e selecionar os interesses num exercício de reflexão sobre o trabalho que irá realizar. Se o educador não proporcionar experiências ricas à criança, e só lhe facultar desenhos para colorir ou indicar o que esta tem de desenhar, então “exclui-se a possibilidade de a criança selecionar seus interesses e necessidades reais” (Borges, 2008, p.12), tornando-a um ser sem capacidade de refletir e interagir com o mundo.

### **1.5 A EXPRESSÃO PLÁSTICA NOS DIFERENTES DOMÍNIOS**

O jardim infantil deve incentivar e promover a exploração e formulação de hipóteses criativas através da expressão plástica, é ainda essencial que a sala possua “uma organização adequada do espaço, um ambiente cuidado (...) enriquecidas pela diversidade e qualidade dos materiais” (OCEPE, 1997, p62).

Deve existir diversidade de materiais para as crianças utilizarem de forma livre, quanto mais elementos forem proporcionados maiores são as possibilidades de desenvolver as capacidades de expressão e de criatividade. Podem ser utilizados diversos materiais que promovam a aprendizagem no espaço bi- ou tridimensional, desenvolvendo todos os domínios essenciais para o crescimento. Como se sabe, apesar de se dar maior ênfase ao trabalho numa determinada área (neste caso a Expressão Plástica), o cérebro trabalha como uma teia, unindo todas as ideias pré-concebidas e relacionando todas as informações e conhecimentos que possui do mundo que a rodeia.

Julgamos ser de extrema importância entender quais são os diferentes domínios que podem ser desenvolvidos transversalmente quando o educador propõe numa atividade de Expressão Plástica. Ao explorar materiais com estruturas tridimensionais, podem-se comparar diferentes volumes, formas e dimensões e ainda experimentar equilíbrios e forças, estas são aprendizagens fundamentais que remetem para o domínio da Matemática e do Conhecimentos do Mundo, neste último domínio ainda estão presentes ações tais como a mistura das cores básicas e a identificação dos diferentes materiais, bem como a sua textura e diferentes capacidades (dos mais dúcteis aos mais consistentes). A Linguagem está intimamente relacionada com todo o

processo, desde a partilha em voz alta da previsão do trabalho à comunicação com os pares fazendo a ponte com o domínio da Formação Social e Pessoal através do cumprimento das regras de convivência da sala e do desenvolvimento da autonomia (OCEPE, 1997).

No 1º ciclo do ensino básico, as crianças desaprendem as conquistas que realizaram anteriormente, visto que a educação formal forma o aluno para aprender a decorar e a reter informação. É essencial promover a sensibilidade para o desenvolvimento da criatividade, gerando crianças atentas ao mundo que as rodeia, capazes de formularem questões e respostas aos diversos problemas da sua vida. É fundamental que os educadores incentivem os seus alunos a desenvolver o pensamento criativo para que estes sejam capazes de abordar o mundo com uma perspetiva crítica.

É essencial dar às crianças a hipótese de se desenvolverem em todos os domínios, aumentando as suas capacidades criativas solucionando os problemas e criando respostas adequadas a cada momento. A Expressão Plástica é facilitadora da criação de diferentes aprendizagens ao mesmo tempo, pois é “contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objectos” (OCEPE, 1997, p. 57).

Para finalizar, gostaríamos de referir o exemplo de Oech, que através de uma simples experiência realizada com um risco pequeno num quadro de giz (era um risco branco num quadro negro), provou que existe necessidade de desenvolver a capacidade criativa ao longo da vida escolar. Nesta prova as turmas de crianças com 10 anos afirmaram o óbvio, que os meninos do pré-escolar foram capazes de elaborar mais de cinquenta sugestões para o risco desenhado entre elas um inseto esmagado ou um olho de um mocho.

## **1.6 A EDUCAÇÃO E O EDUCADOR NO ESTÍMULO DA CRIATIVIDADE**

A criatividade deve ser abordada como uma faculdade da mente que visa a procura e solução das questões que vão sendo colocadas. O pensamento criativo é mais eficaz consoante o treino e o estímulo a que está sujeito, para Máximo-Esteves

(1998) “a criança necessita de aprender muitos e variados conhecimentos e desenvolver a capacidade de imaginar vias alternativas e inovadas para múltiplos desafios e problemas que o seu ambiente lhe levanta” (p. 143). É fundamental promover a aprendizagem, durante a infância, em diversos contextos de modo a criar boas bases capaz de resolver desafios futuros.

A educação tem um papel fundamental durante todo o crescimento da criança, pois, se for suficientemente estimulante vai arma-la com a capacidade de pensar e desenvolver um espírito crítico diante várias situações. Etimologicamente educação é definida por “tirar de dentro” ou seja, é o processo de formação da pessoa na sua plenitude. Sérgio (citado por Linda, 2004) afirmava que, se o Homem fosse um ser acabado e totalmente formado, então não era possível existir educação pois não existia a capacidade de transformação; mas, o Homem nasce prematuro, pelo que vai necessitar de longos anos para fazer a maturação das várias competências.

O ensino deve ser integral, formando o indivíduo para viver na sociedade e ao mesmo tempo atribuir-lhe competências e motivações para que este interaja capazmente, e ainda tem o difícil papel de “identificar as potencialidades dos educandos para as desenvolver até ao máximo” (Linda, 2004, p. 34). A educação é também um fenómeno cultural onde são transmitidos saberes e culturas essenciais para se viver numa determinada sociedade, é por isso necessário que o ensino seja responsável por dar perspetivas diferentes de vários mundos, ajudando a criança a encontrar o seu lugar no mundo.

A instrução criadora aponta para o treino da capacidade de criar soluções para todos os problemas que possam surgir. Como Sousa defende, “A educação criativa procura o desenvolvimento da capacidade que o homem tem de conseguir imaginar, inventar e criar coisas novas e originais” (2003, p.197). A sociedade está sempre a evoluir e a criar novos problemas para se resolver, é por isso necessário que o indivíduo treine as faculdades da mente pois só dessa forma é que vai ser realmente capaz de criar uma solução de forma rápida e criativa.

Na escola, o educador é o principal responsável por ampliar ou subtrair diversas competências das crianças, contudo “não deve transpor os seus próprios desejos ou o seu próprio gosto, impondo-lhe um ambiente de ontem. É preciso ajudar a criança a construir o seu universo.” (Gloton e Clero, 1997, p.165). O educador tem o difícil papel

de incentivar o processo criativo sem obrigar a criança fazer algo que vá contra a sua natureza, aquele deve disponibilizar todas as ferramentas necessárias para que esta se desenvolva tendo a possibilidade de pensar, de inventar, de criar, de errar e de fazer novamente.

Gloton e Clero (1997) defendem que é necessário encorajar a atividade criadora mas, ao mesmo tempo, é preciso dar os materiais necessários às crianças, variando os suportes, dando oportunidade para estas se sentirem atraídas para as tarefas e motivadas para realizarem os trabalhos dando o máximo de si em cada momento. Sousa reforça que “só uma educação voltada para a criatividade poderá permitir uma disponibilidade criadora face aos problemas desconhecidos que se depararem, através de uma constante adaptação às novas formas, de uma constante invenção de novos processos (...).” (Sousa, 2003, p. 197).

O educador pode então tornar presentes algumas estratégias para proporcionar a estimulação da criatividade. Monge, Rosário e Cañamero (2000) propõem estratégias onde o educador se pode basear na sua prática pedagógica. Em primeiro lugar é essencial ter em consideração a diversidade de estímulos existentes na sala e explorá-los de diversas formas, é ainda importante que o educador tenha um espírito flexível adequando as planificações elaboradas com as motivações das crianças. O educador é também responsável por aceitar o erro da criança e transformá-lo em algo positivo, questionando-a sobre o trabalho realizado e dando-lhe uma conotação boa. Por último, mas não menos importante, é essencial que esteja aberto ao outro, para partilhar as suas ideias e as suas vivências, e que dessa forma transmita a alegria de viver em comunidade.

O educador deve conseguir tirar o melhor que cada um tem para dar, estimulando partilha das suas vivências e proporcionando enigmas que sejam capazes de resolver aumentando a capacidade de enfrentar os problemas.

As crianças que por algum motivo se sentem mais inibidas ou apresentam uma autoestima mais baixa, muitas vezes tendem a retrair-se, como afirma Lowenfeld (1974) é costume pedirem ajuda sistemática na realização de trabalho ou copiarem o que os colegas estão a fazer, apresentando dificuldades em criar algo sozinhas. Alinhámos ainda que, os educadores ou adultos que definem padrões elevados de exigência

podem estar a fomentar uma baixa autoestima, criando uma relação de dependência do adulto durante a realização de tarefas.

Para que a educação seja um processo rico, o adulto deve ser capaz de escutar, observar e refletir o processo criativo do grupo. Hohman (2002) defende que é essencial que o educador observe atentamente o contexto para não tirar conclusões precipitadas.

É necessário ter a capacidade de analisar o trabalho realizado pela criança, dando-lhe espaço para partilhar o que criou, e de explicar quais foram as suas motivações. A capacidade de partilha é aumentada se, no final, existir uma aceitação respeitadora por parte do adulto. É esta compreensão que vai transmitir segurança à criança, para que seja capaz de criar aquilo que deseja, sem ter medo de sofrer represálias no final.

Sousa (2003) defende que a habilidade produtiva da criança é a aptidão de esta se superar a si mesma, indo ao encontro das suas motivações e de alcançar o resultado final imaginado. O mesmo investigador afirma, que não é relevante que a criança tenha um conhecimento muito aprofundado sobre o mundo, o que realmente importa é a capacidade de adestrar as suas competências criadoras. A atividade criativa é “uma atitude na vida, uma capacidade para dominar qualquer situação da existência.” (Sousa 2003, p 198).

Se o educador tem consciente que a criatividade é um fator essencial na evolução da criança e no desenvolvimento do pensamento criador, então este deve ser sensível, e proporcionar-lhes todas as condições, enriquecendo o número de experiências a que esta se encontra sujeita de modo a desenvolver capazmente esta faculdade do cérebro.



## **CAPÍTULO 2 - PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA**

### **2.1 PROBLEMÁTICA**

A criatividade é uma faculdade do cérebro humano que permite o pensamento criador. Este, apesar de ser um atributo inato, necessita de ser estimulado para atingir o seu máximo potencial.

Durante o desenvolvimento da criança o pensamento criativo deve ser potenciado através da expressão plástica, pois esta atividade permite prever a obra que se deseja criar, construí-la e aperfeiçoá-la consoante o gosto e o sentido estético. Terminada a obra, a criança deve ser capaz de olhá-la e dotar o seu sentido crítico, elaborando um discurso e analisando criticamente o trabalho. Esta abordagem capacita a criança para o adestramento de capacidades essenciais ao seu desenvolvimento, tais como a aptidão de antecipar resultados e posteriormente realizar comentários críticos sobre o seu trabalho e atitude.

O trabalho artístico está intimamente relacionada com a manifestação livre de sentimentos e emoções, sendo este um fator essencial no crescimento da criança. Na sala onde foi elaborada a prática pedagógica, fomos verificando que era dada pouca importância às atividades criativas no domínio das Artes Plásticas, e que esta era uma lacuna no ensino-aprendizagem.

Se existe uma capacidade inata para criar e experimentar novas situações, quais seriam as razões para essa forma de expressão não ser abordada na sala? Será que existia consciência, por parte do educador, que a Expressão Plástica tinha muito pouco significado comparativamente com as outras áreas trabalhadas?

O domínio das Artes desenvolve positivamente a criança, ao atuar nas diversas áreas de conhecimento essenciais ao seu desenvolvimento. Estas atividades são essenciais pois potenciam o pensamento criativo, ferramenta fundamental para a resolução de problemas no quotidiano.

Apesar de considerarmos muito importantes os ofícios no domínio da Matemática, do Conhecimento do Mundo, da Formação Pessoal e Social, e da

Aquisição da Linguagem Escrita e Oral, não deixa de ser essencial complementar essas aprendizagens com propostas relacionadas com as Artes Plásticas, uma vez que estas são capazes de abordar transversalmente todos esses domínios.

Na sala onde foram realizadas observações sobre o contexto educativo, ficamos bastante apreensivos pois os trabalhos que as crianças eram incentivadas a realizar eram fichas, desenhos para colorir ou desenhos orientados pelo modelo imposto pela educadora. Constatámos que, os adultos da sala influenciavam significativamente as criações, e existiam muitas regras relativamente ao uso das cores e à realidade que os desenhos deveriam transparecer. Apesar de considerarmos importante que existam trabalhos que representem a realidade, promovendo a capacidade de observação e atenção ao pormenor, a criança deve também ter a liberdade de realizar experiências com materiais diversos procurando criar e descobrir novas formas de se exprimir através da arte plástica.

Foi observado, que alguns meninos apresentavam inseguranças durante a realização dos trabalhos, e que existia pouca autonomia no momento de realizar as atividades propostas pela educadora. Demonstravam necessidade de pedir constantemente ajuda ao educador, e que este confirmasse que o trabalho estava a ser bem desenvolvido. Apesar das crianças com 5 anos gostarem de partilhar com o adulto as suas descobertas e iniciativas, neste caso estas crianças realizavam perguntas como: “- Posso usar esta cor para pintar o céu?” Estas perguntas demonstram inseguranças e necessidade de corresponder às expectativas para não sofrerem represálias *a posteriori*.

As restrições impostas funcionam como uma amarra que não dão oportunidade da criança expressar o que deseja. Ao analisar o produto final dos trabalhos realizados, era possível constatar que na maioria das vezes, só algumas cores é que diferenciavam, e que em todos os desenhos não havia nenhuma surpresa, nem nenhum fator fruto da criatividade e da iniciativa. Num mundo onde as crianças não são capazes de sonhar, que e de tentar reproduzir as suas ideias, colocamos em causa o tipo de seres humanos que estaremos a criar. Estamos a criar pessoas que pensam e agem todos da mesma forma e que não procuram usar a sua mente para dar uma resposta criativa aos desafios propostos seguindo sempre o caminho mais fácil.

Ao compreender qual seria a temática investigada, foi necessário perceber qual seria a abordagem que ia ser utilizada, se uma investigação quantitativa, ou se iria ser realizado um estudo qualitativo.

A investigação quantitativa, é marcado pela possibilidade de quantificar os dados recolhidos, ou seja é um estudo objetivo com resultados claros que apresenta métodos rigorosos na recolha e na análise da amostra. Este método apresenta resultados em percentagem tentando apontar quais são as tendências da população no estudo em questão.

No entanto, este estudo trata-se uma investigação qualitativa, pois julgámos ser o tipo de investigação que se adequa melhor às características do tema escolhido e dos métodos de observação que foram privilegiados. A investigação qualitativa apresenta um paradigma interpretativo, ou seja a interpretação dos dados é fundamental. Este tipo de investigação trabalha com as crenças, valores e interpretações que cada indivíduo dá ao objeto de estudo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994) existem cinco características base da investigação qualitativa, vamos tentar segui-las e ser rigorosos durante todo o processo investigativo. As características que podemos são: 1) O investigador tem contacto direto com o terreno passando bastante tempo observando e recolhendo os dados que observa. 2) A informação recolhida é descrita por palavras ou fotografia, nunca números, e tenta ser o mais fidedigna possível com a realidade. 3) O que realmente importa é o processo de investigação e não tanto os resultados finais. 4) É através dos dados recolhidos que se vai chegar a um resultado final, ou seja o produto final não é antecipado. 5) O objetivo final é perceber qual a visão dos inquiridos e como estes interpretam as suas vivências, ou seja é dada muita importância ao significado que os participantes atribuem às diferentes situações.

## **2.2 DESIGN DE ESTUDO**

A investigação-ação trata de transformar a prática educativa através da implementação de um estímulo (Coutinho et al. 2009), produzindo uma mudança nos comportamentos e ações dos participantes do estudo, compreendendo o modo de atuar

dos participantes. Este autor apresenta um esquema de investigação-ação desenvolvido por Whitehead e McNiff (2006), onde os profissionais devem investigar e avaliar o trabalho que decorre seguindo algumas etapas essenciais: a) sentir ou experienciar um problema; b) imaginar uma solução; c) pôr em prática a solução; d) avaliar os resultados; e) modificar a prática à luz dos resultados.

Por isso, esta investigação caracteriza-se por assentar na observação da ação, na sua planificação, intervenção e reflexão de uma amostra. Este método participa na ação ativamente e recolhe informações no terreno que vai ser investigado através da observação sistemática e da análise do portfólio do investigador.

Portanto, no nosso caso, procuramos desenvolver um *design* que proporcione às crianças o contacto com novas técnicas de expressão plástica. Vai ser através do conhecimento dos autores Van Gogh e Miró, e da implementação de técnicas de pontilhismo, de pintura e escultura abstrata, que vamos promover mudanças na capacidade criativa do grupo.

### **2.3 PARTICIPANTES**

O estudo realizou-se com um grupo de crianças numa escola IPSS, na cidade de Lisboa. Os participantes foram 18 crianças de uma turma de pré-escolar, das quais 11 rapazes e 7 raparigas, e com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos. Escolhemos este local por existir facilidade em implementar as diferentes atividades experimentais e de observar as suas interações em diferentes contextos.

Este é um grupo que já está familiarizado com a presença da estagiária, visto que esta é parte integrante da rotina. Como a sua presença não é intrusiva, consideramos que os comportamentos e modos de agir das crianças, durante o desenvolvimento das atividades propostas, não vão ser influenciados.

## 2.4 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Existem vários métodos de recolha de dados que são utilizados tradicionalmente para uma abordagem qualitativa, “As estratégias de pesquisa ‘põem os paradigmas de investigação em movimento’ e simultaneamente colocam o investigador em contacto com métodos específicos de recolha e análise de material empírico(…)” (Aires, 2011, p 21).

Portanto, para a concretização deste relatório final foi realizada uma investigação qualitativa. Como referido anteriormente, este é um método de recolha de informação que se preocupa mais com o processo de criação e não tanto com o resultado final (Bogdan e Biklen, 1994). Neste processo os dados recolhidos são um registo pormenorizado e descritivo do que foi observado ou experienciado.

Durante toda a prática foram utilizados vários instrumentos e técnicas de recolha de dados. Os métodos privilegiados foram as observações, a análise dos relatórios diários, os trabalhos das crianças e ainda as fotografias.

Os modos de recolha de dados dividem-se em dois blocos: diretas ou indiretas. As formas diretas utilizadas nesta investigação foram as diversas observações realizadas, enquanto as técnicas indiretas foram a análise dos desenhos produzidos pelas crianças.

### a) Observação

Como Máximo-Esteves (2008) refere, a observação “permite o conhecimento directo dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (p. 87). As técnicas de observação consistem ainda “na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto direto com situações específicas” (Aires, 2011, p. 23), permitindo que o investigador esteja em contacto com os participantes do estudo, podendo relacionar-se com eles e intervir quando julgar ser pertinente.

Maioritariamente foram realizadas observações participantes, onde o investigador integrava o contexto participando como membro ativo no momento. Contudo, em alguns casos, julgamos serem mais pertinentes as observações naturalistas, onde o investigador não intervém no processo, desta forma “os actores

participam naturalmente na interação e segue o processo normal da vida quotidiana” (Aires 2011, p. 25).

Todas as observações encontram-se registadas no Portfólio, descrevendo os aspetos mais relevantes para o estudo.

#### b) Portfólio

O registo da prática no Portfólio foi a forma encontrada para arquivar todos os documentos de modo a refletir sobre o trabalho que estava a ser desenvolvido. É onde pudemos encontrar informação sobre a intervenção educativa, a organização do ambiente educativo, as áreas de conteúdo abordadas, a intencionalidade educativa e reflexões sobre em cada momento.

Segundo Alves (2001) “pode ser considerado como um registo de experiências pessoais e observações passadas, em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos” (p. 224).

#### c) Fotografia

A fotografia está associada à investigação qualitativa. Esta é uma técnica de recolha de dados que congela a ação, permitindo ao observador analisar e reanalisar diversas vezes o momento. Este método foi essencial para arquivarmos os diferentes desenhos criados pelas crianças podendo ser feitas comparações entre todos e ainda registar as formas de trabalhar as diversas técnicas de pintura associadas.

Ao utilizar e cruzar diferentes técnicas de recolha de dados, vai ser possível obter uma visão do momento, tendo assim uma visão geral da situação. “Um bom fotógrafo pode isolar e congelar relações ou comportamentos de uma forma que não pode ser recriada verbalmente, mas um observador humano pode proporcionar o sentido de toda a textura de relações que não podem ser veiculadas fotograficamente.” (Bogdan e Biklen, 1994, p.143).

### **CAPÍTULO 3 – RESULTADOS**

Este projeto teve como principal objetivo introduzir, na sala onde foi realizada a Prática Pedagógica, atividades de Expressão Plástica que estimulassem a capacidade criativa das crianças. Tentámos criar projetos de arte de acordo com as suas motivações do grupo cujo propósito de soltar as amarras existentes na sala através da possibilidade de explorarem livremente as suas ideias nos vários contextos proporcionados.

No nosso entendimento é essencial que as crianças possam ser capazes de realizar várias experiências significativas. Tal como refere Formosinho (1996) “as aprendizagens activas são aquelas em que a criança, através da sua acção sobre os objectos e da sua interacção com as pessoas, as ideias e os conhecimentos, chega à compreensão do mundo” (p. 56).

No início do projeto de investigação foram identificadas algumas problemáticas que julgamos valerem a pena serem averiguadas. Assim, realizamos um questionário à educadora da sala como meio para compreender qual a sua sensibilidade em relação ao recurso às técnicas de expressão plástica para desenvolver as capacidades criadoras da criança.

Ao analisar o questionário preenchido pela educadora, conferimos algumas observações que tinham sido realizadas. Esta afirma que a criatividade é a capacidade de “dar asas à sua imaginação”, e tem consciência que só promove atividades artísticas uma vez por semana. Em todo o caso, não considera que o adulto seja um membro motivador ou inibidor da ação criadora, afirmando que “cada criança deve ser estimulada para o conseguir sozinha”. (Anexo 1)

Quando inquirida sobre se o meio condiciona a criatividade, a educadora dá uma resposta afirmativa contudo, a justificação que utiliza é do caso de uma criança institucionalizada cuja cor que recorre com maior frequência é o preto.

Infelizmente, através das observações do contexto educativo, a área das expressões é muito pouco desenvolvida e as atividades de expressão plástica que acontecem são na sua maioria a utilização de desenhos pré-feitos (modelos de imagens

contornadas a preto, com o propósito de serem coloridos) ou modelos impostos pelo adulto.

Organizamos os diferentes projetos em duas fases, seguindo um fio condutor. A primeira fase iniciou-se com alguns desenhos livres (orientados ou não orientados), para tentar compreender ao certo qual a influência do adulto no processo criativo. Na segunda parte da investigação, sabendo *à priori* que a expressão plástica é livre e a criança deve criar algo segundo as motivações pessoais, tentamos diversificar os conhecimentos e as técnicas trabalhadas através de diferentes propostas.

### **1ª FASE – A INFLUÊNCIA DO ADULTO**

Na primeira parte do projeto tentamos compreender a influência que o adulto tem sobre as aprendizagens da criança. Será que existe uma aprendizagem criadora quando o educador propõe tarefas de colorir desenho pré-feitos? Será que este método desenvolve a capacidade criadora?

Segundo as observações que foram realizadas, os desenhos pré-feitos, quando terminados são bastante semelhantes. Quando se trata de colorir uma imagem cujo tema é o outono, reparamos que não existem diferenças nos resultados finais, todos os trabalhos estão pintados com os mesmos tons de castanho, indicados pela educadora.

Nestes casos verificamos que a criança sabe representar a realidade pois todas utilizam as cores reais, mas consequentemente não existem surpresas e o grau de criatividade implicado na tarefa é muito baixo, as linhas pretas marcam uma forte limitação para a criança exprimir ou concretizar novas ideias.

Quando o desenho para colorir foi referente ao carnaval verificamos subtis diferenças na paleta de cores usadas para a pintura da caraça, e em alguns casos, é possível observar que foram criados padrões ou desenhos (Ver anexo 2). Estes aspetos mostram-nos o desejo que a criança tem de ser ela própria a criadora, a vontade de poder desenhar a sua própria caraça de carnaval, e o desejo de destacar e dar um toque pessoal.

Nos desenhos pré-feitos as crianças demonstravam estar irrequietas e a sua atenção era facilmente desviada, e muitos meninos não tinham cuidado a colorir deixando várias zonas brancas ou fora das linhas. Apuramos que, todos os desenhos são bastante semelhantes e que não se encontram diferenças significativas correspondentes ao grau de criatividade.



*Figura 1* Desenhos pré-feitos realizados por três crianças diferentes

Portanto, para provar que as crianças têm capacidades criadoras mais elaboradas do que as apresentadas nos trabalhos desenvolvidos pela educadora, proporcionamos atividades de desenho livre dando liberdade criativa em todos os projetos apresentados.

Para trabalhar o tema dos sismos, a educadora criou um modelo de panfleto sobre regras de segurança que as crianças tinham de copiar do quadro e ilustrar a seu gosto. Esta proposta não dava liberdade às crianças para se exprimirem criativamente, nem provocava um problema para as crianças serem capazes de resolver.

Com o intuito de desenvolver a capacidade criadora, a investigadora sugeriu algo novo na sala. A proposta apresentada foi de elaboração de um trabalho de grupo cujo propósito era recortar imagens de revistas e complementa-las com desenhos criando situações de perigo ou de segurança. Como este foi um trabalho realizado em grupo as crianças podiam complementar os seus conhecimentos através da partilha de ideias.



Figura 2 À esquerda panfleto orientado pela educadora; à direita trabalho de grupo implementado pela investigadora

Como podemos constatar, no trabalho em que as crianças foram orientadas pela educadora, as possibilidades criativas foram excluídas, estas somente tinham de copiar o modelo imposto pelo adulto. Ao invés da proposta da estagiária, que procurou criar um momento de partilha de experiências através da elaboração de um trabalho criativo de pesquisa de situações perigosas ou seguras.

Foram selecionadas diversas estratégias para serem abordadas na sala, tais como desenhos livres sem indicações, outros que partiam de uma temática como base de inspiração, e ainda outros que eram iniciados através de uma história.



Figura 3 Desenho inspirado na história "O meu gato é o mais tolo do Mundo"

Em todas as experiências de desenho livre verificou-se que existia maior envolvimento e implicação, em comparação com as tarefas de colorir as imagens. O sentido estético que a criança confere ao seu trabalho, bem como as proporções que cria na folha, são essenciais para o equilíbrio e para a aquisição das noções espaciais. A comunicação está também muito presente, nestes trabalhos verificamos que a partilha de experiências e de ideias é constante através das comparações entre os desenhos ou contando a história que está a realizar.

No registo escrito no Relatório Diário pudemos ler algumas considerações sobre a concretização do desenho livre inspirado a história “O meu gato é o mais tolo do mundo”:

As crianças foram muito rápidas a fazerem a atividade. Apesar de terem conversado bastante com os colegas da mesa referindo o que estavam a desenhar, notou-se que estavam entusiasmadas com a sua criação e que as atividades de desenho livre são das suas atividades prediletas, apesar de algumas vezes terem alguma “preguiça” de colorir os desenhos pintando dentro das linhas e sem riscos brancos. É possível notar, que para estas crianças, o processo criativo é mais significativo e intenso do que a pintura com lápis de cor. (Anexo 3)

Através destas observações, concluímos que os desenhos mais estimulantes são aqueles em que é dada a liberdade à criança de realizar aquilo de deseja, quanto menos amarras tiverem na realização do trabalho, maior é o seu grau de envolvimento e empenhamento. Os educadores que dão desenhos pré-feitos às crianças devem estar conscientes das competências que desejam trabalhar, tendo a noção que a criatividade não é desenvolvida deste modo.

Gloton e Clero (1997) defendem que a criança é criadora por natureza e que deve ter à sua disposição meios para poder desenvolver esta capacidade biológica “cuja satisfação é absolutamente necessária para o desenvolvimento óptimo do ser humano em crescimento.” (p. 42).



Figura 4 Comparação visual entre desenho pré-feito sobre o dia do pai e desenho livre sobre o dia da mãe

Como sabemos, o educador tem um papel fundamental sendo quem potencia ou inibe a capacidade criadora do grupo. Realizamos uma experiência de modo a compreender se o adulto, neste caso a estagiária, através de uma conversa consegue interferir no processo criativo. O ensaio foi efetuado numa sessão repartida por dois dias.

Na primeira sessão, todas as crianças sentaram-se no tapete e, em conversa, foi pedido que desenhassem uma casa, na folha que iriam receber. Foi também dito que havia liberdade para fazerem o que desejassem pois o trabalho era deles. Na segunda sessão o procedimento foi igual; contudo, na conversa, a estagiária partilhou que iria desenhar uma casa que era um palácio onde viviam ratinhos dançarinos. Em seguida pediu aos meninos para também eles sugerirem uma ideia de casa original. As respostas foram bastante variadas “surgiram ideias como «uma casa na árvore», «uma casa algodão doce», «uma casa de peixes e tubarões», «uma casa de piratas», «uma casa carro», entre outros exemplos. Neste caso, foi possível constatar que a conversa inicial influenciou as crianças a «fugir» ao comum e a criarem com a sua imaginação algo que até podia não ser real.” (Anexo 4).

No primeiro teste, as crianças desenharam todas uma casa “segundo um modelo tradicional”. Todos os desenhos eram diferentes, e em cada um era possível identificar traços particulares e criativos. Reparamos que existiram poucos casos onde

problema tinha sido abordado de forma “não tradicional”, ou seja na maioria das situações as crianças seguiram à risca as indicações dadas não criando nenhum elemento surpresa ou inovador. É visível que os meninos seguem modelos e processos simbólicos pré-concebidos pela sociedade.

No segundo teste, foi possível verificar que as crianças “desbloquearam” e, através de um incentivo pequeno do adulto, foram capazes de dar maior uso à sua capacidade criadora.

Nesta primeira experiência é possível ver que muitos dos desenhos são copiados e as ideias passaram de uns desenhos para os outros. No segundo desenho é visível a utilização da imaginação. Não existem desenhos iguais, todos têm um tema diferente e abordagens distintas. Cada criança foi de encontro às suas motivações e preferências. No final todas foram capazes de partilhar aquilo que tinham desenhado através de uma história elaborada. (Anexo 4)

Durante a realização dos dois momentos foi possível observar o contraste das atitudes das crianças. Enquanto no primeiro estas conversaram e algumas iam explicando o que estavam a desenhar, no segundo momento a partilha de ideias intensificou-se, todos os meninos falavam muito entusiasmados com seus pares. Nesta situação a estagiária foi abordada muitas vezes, visto que todos tinham necessidade de partilhar as suas obras, esperando uma apreciação do trabalho.

Através destes exemplos, inferimos que o adulto tem um papel fundamental como promotor dos processos criativos. Nesta experiência, apesar de no primeiro caso as crianças terem sido capazes de realizar autonomamente e criativamente a tarefa, quando a variável independente foi introduzida (a conversa da estagiária com as crianças), foi desencadeada também uma nova perspetiva sobre o problema estimulando uma resposta criativa, transformando completamente os desenhos e fugindo aos modelos tradicionais das casas inicialmente realizadas.



Figura 53 Em cima sem influência do adulto, em baixo com influência da investigadora.

Com esta experiência ficamos ainda mais sensibilizados para a influência do papel do educador na educação de infância. É fundamental que o adulto seja consciente das suas ações e das repercussões que estas podem ter no desenvolvimento da criança. É essencial promover e diversificar o contacto com diversos materiais, promovendo e incentivando o pensamento criativo.

## **2ª FASE – O DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE CRIADORA RECORRENDO À EXPRESSÃO PLÁSTICA**

Ao compreender a necessidade do papel do educador como promotor dos processos criativos, prosseguimos o projeto de investigação, com intenção de fomentar a capacidade criadora através de diversos desafios.

Na semana do dia da mãe, a proposta criada consistiu na elaboração de uma cara de uma senhora, através de um olho previamente colado numa folha A4 branca. O conceito desenvolvido foi marcado pela noção corporal que as crianças já tinham previamente adquirida. A orientação espacial da folha, através das proporções

concedidas, e a adequação dos conceitos desenhados tornaram a realização deste trabalho possível. Evidentemente que, em todo o processo, foi apreciado o recurso à criatividade para desenhar e colorir a seu gosto a obra criada.

“Todos os meninos conseguiram desenhar a cara com todos os seus detalhes, 10 desenharam as orelhas, 6 desenharam o pescoço e só uma desenhou o busto. Todos foram capazes de desenhar o olho que faltava com pormenor, o nariz a boca com ou sem dentes (dependendo se estava a rir ou não) e o cabelo comprido de senhora.” (Anexo 5).



*Figura 6* Desenho de uma cara partindo de um olho

Todo o grupo foi capaz de compreender qual era a proposta, adequando as proporções corretas da cara associadas à imagem. A componente interativa criada foi muito interessante, as crianças olhavam para as caras dos seus pares de modo a descobrir novos pormenores que poderiam acrescentar ao seu desenho. A nível criativo pudemos aferir que a imaginação, aliada à liberdade de criar, despoletou no grupo trabalhos bastante diversificados e, interessante, não existindo nenhum desenho igual ao outro, apesar de o ponto de partida ser o mesmo (o olho colado no mesmo local da folha).

Em seguida, foram realizadas outras experiências. Nesta fase queríamos dar oportunidade ao grupo para conhecer diferentes modelos de pintura. Abordamos dois grandes artistas, Van Gogh e Miró, na expectativa das crianças serem sensibilizadas

para diferentes formas artísticas que existem. Consideramos que, ao aumentar a sua área de conhecimento, pudemos dessa forma inculcar novas formas de olhar para o mundo, aumentando assim as suas possibilidades criativas.

Analizamos, com as crianças, diversas obras do pintor holandês Vincent Van Gogh. Com esta abordagem desejávamos dar a conhecer às crianças um artista reconhecido mundialmente e inspira-las para o projeto que iria ser desenvolvido.

Pedimos às crianças que criassem um desenho e que o colorissem através da utilização da técnica de pontilhismo. Os pontos criados todos juntos vão provocar uma mancha de cor que, vai permitir visualizar uma imagem. As crianças foram incitadas a, numa folha A3, realizarem a seu gosto um desenho grande para posteriormente colorirem com recurso a cotonetes e tinta guache de várias cores.

Na fase inicial no desenho com o lápis de carvão, cada um pode dar o rumo desejado ao seu trabalho, criando aquilo que mais o motivava. Os temas foram muito variados (o espaço, o mar, um jardim, um castelo) contudo, em cada mesa de trabalho era possível constatar que as crianças se influenciavam significativamente existindo elementos repetidos. No momento de colorir o entusiasmo foi evidente, todos os meninos conversavam alegremente, partilhando as suas conquistas com os pares.



*Figura 4* Desenhos com recurso à técnica de pontilhismo

Apesar de cada criança ter a liberdade de criar o que desejasse segundo as suas motivações, foi possível constatar que algumas inspiraram-se nas obras apresentadas. “O D.M. inspirou-se no quadro “A noite estrelada” para pintar o espaço, enquanto o D.C.

e a L. inspiraram-se na série criada pelo mesmo artista “Les Saint-Maries” que representavam barcos de pesca.” (Anexo 6).

Lembramos que esta técnica baseia-se na repetição de movimentos da mão diferentes do habitual. Nesta experiência a deslocação da mão é sistemática e vertical, enquanto o uso dos lápis e dos pincéis o movimento é maioritariamente paralelo à folha de papel. Neste exercício, devido à rapidez conferida ao movimento e que se pode tornar descontrolado, é necessária concentração para não falhar o local desejado para pintar.

Sem dúvida que o conhecimento e a aquisição de novas técnicas de pintura abrem um novo leque criativo, é pois essencial que o adulto seja impulsionador da utilização de novos saberes. Quanto mais experiências forem proporcionadas à criança, maiores são as suas competências para representar o seu mundo interior e o mundo que a rodeia.

O projeto seguinte, baseado na obra de Miró, surgiu com o intuito de continuar a promover diferentes técnicas de expressão plástica, dando oportunidade ao grupo de contactar com diversas formas de arte de artistas reconhecidos mundialmente. Escolhemos este artista por ter sido um autor conceituado, que criou obras recorrendo a diferentes técnicas de pintura e esculturas, com os mais diversos materiais. Devido às suas características de forma abstrata, e à corrente surrealista a que pertencia, julgamos que era interessante trabalhar este pintor recorrendo à sua pintura e escultura.

Antes de apresentar o artista foi questionado ao grupo se sabiam o que era a arte e o que era a arte abstrata, tendo as crianças chegado a várias conclusões. A arte era para a B. os desenhos que as crianças faziam, mas o P. disse que também podia ser feito por artistas, confirmando ainda que os quadros podiam estar nos museus.

Posteriormente, foi então questionado às crianças se sabiam o que era a arte abstrata, uma menina foi capaz de dar uma explicação correta, que foi reforçada pela investigadora. “O T. disse que já tinha visto muitos quadros e tinha em casa da avó um quadro grande com muitas cores que cada pessoa podia ver coisas diferentes quando olhavam para ele.” (Anexo 7).

Em seguida foram apresentadas às crianças e algumas das suas obras mais famosas de Miró tais como “Tête”, “Carnaval do Arlequim” e ainda “May 1968”.

Como referido anteriormente (Capítulo 1.3 – O desenvolvimento infantil – pré-escolar), as crianças com 5 anos recorrem à função simbólica para explicar os seus conceitos e pensamentos. No desafio que lhes colocamos quisemos que estas se abstraíssem dos conceitos já formados, e tentassem criar arte abstrata inspirando-se previamente nas obras de Miró. Cada criança recebia uma folha com uma forma desenhada e a partir dessa forma tinham de criar o seu próprio desenho abstrato. No entanto, verificamos que algumas crianças tiveram dificuldade de se abstrair das formas concretas, mas todas foram capazes de criar uma pintura que se relacionasse com a linha previamente desenhada.

Ainda focados na exploração do artista Miró, escolhemos realizar esculturas em barro que iriam ser pintadas posteriormente. A criação das esculturas proporcionou um momento de modelagem bastante interessante. Durante o tempo de exploração, todos os participantes puderam criar diversas formas e comunicar com os colegas. Após dez minutos foi introduzido um palito, com este material era esperado que conseguissem adicionar um novo elemento à escultura que estava a ser criada.

Após todas as esculturas secarem, foi proposto pintar as produções utilizando somente as três cores principais que Miró utilizava, o azul, o amarelo e o vermelho. A resposta foi muito positiva, todos perceberam qual era o contexto e a razão da utilização dessa paleta de cores.

No exercício de pintura destacamos um menino, este perguntou se podia criar a cor verde que tinha aprendido a fazer. A investigadora permitiu, dado ter sido uma preocupação da criança em pedir em autorização, ao mesmo tempo a criança provou que apesar de estar condicionado pela cor, era capaz de criar um nova solução para o problema.

“É visível a influência que algumas crianças tem nos grupos de trabalho, aquelas que são mais criativas surgem muitas vezes como modelo a seguir e na mesma mesa acabam por surgir vários elementos repetidos. Esta partilha de informações é essencial não só para convivência social da criança mas também para alargar o espectro de ideias e informações recolhidas. É através da imitação que a criança apreende o mundo onde vive por isso torna-se essencial que exista partilha de informações nos diversos contextos.” (Anexo 7).



*Figura 8* Uma máquina de lavar estragada realizada pelo T.

Para concluir o projeto de promoção da criatividade introduzimos duas variáveis essenciais distribuímos cartolinas *bordeaux* onde as crianças podiam desenhar livremente com recurso a giz (Anexo 8). Na escola já não existe o tradicional quadro de ardósia ou “de giz” onde era possível o contacto com esse material particular ao toque e com um cheiro tão característico. O segundo elemento fundamental criado neste momento, foi a utilização de uma folha que não fosse branca. Infelizmente, durante o estágio apercebemo-nos que, na escola as crianças só têm à disposição folhas brancas, por isso julgamos que seria interessante promover a criatividade através do contraste das cores claras do giz na cartolina escura.

O contraste das cores é bastante forte, a B. quando fez o primeiro risco afirmou que pareciam uns artistas a sério. Dois rapazes uniram-se e criaram um oceanário onde cada um desenhou os animais selvagens que mais gostava. Algumas crianças optaram por preencher a folha quase na totalidade enquanto outras somente desenharam os contornos apreciando o fantástico contraste que se criava nesta situação.



*Figura 9* Técnica de desenho com giz

Foi notória a concentração de todo o grupo durante a exploração destes materiais. Ao terminarem a conceção foi pedido que contassem a sua história e em seguida que criassem um título para a obra, tendo sido todos capazes de o fazer.

Infelizmente a instituição onde foi feita a investigação não está sensibilizada para os aspetos essenciais do desenvolvimento da expressão plástica, todas as propostas de trabalho realizadas pela educadora da sala baseavam-se na aquisição de conhecimento formal e nunca na exploração livre das áreas de conhecimento.

Esperamos que este projeto tenha influenciado positivamente o desenvolvimento das competências criativas das crianças através do conhecimento de diferentes técnicas e da possibilidade de representarem livremente as suas motivações nos diferentes contextos.

Em última análise esperamos que, ao ter realizado este trabalho, tenhamos também influenciado a educadora, tornando-a consciente da necessidade de diversificar técnicas e formas de trabalhar a expressão plástica proporcionando o desenvolvimento do pensamento criativo.

Este projeto poderia ter sido melhor aproveitado, caso a instituição permitisse às crianças movimentarem-se de forma livre durante a realização de trabalhos, pois, ao condicionar o movimento, estamos a determinar a sua comunicação com os pares e a autonomia (por exemplo poder ir buscar tinta a outras mesas).

Como frisado anteriormente, é a quantidade, a diversidade e a qualidade de experiências vividas, que permitem as crianças desenvolverem as suas capacidades criadoras, tornando-se atentas e críticas em relação ao mundo que a rodeia.

Estar somente sentado, prejudica ainda o trabalho que está a ser desenvolvido, na medida em que a criança nunca consegue ter o distanciamento necessário para observar de longe a sua obra de arte, de modo a conseguir equilibrá-la da melhor forma, tanto a nível de desenho como a nível de cor.

Deste projeto, destacamos a necessidade dos adultos que acompanham as crianças no dia-a-dia estarem sensibilizados para a necessidade de promoverem a capacidade criadora que, apesar de inata, possui aptidão para ser estimulada nunca atingindo a saturação.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um estudo pertinente visto que, a criatividade é fundamental no desenvolvimento integral do indivíduo. A educação e a escola não a devem dispensar, dado que a atitude criadora conduz a olhar o mundo sob nova perspectiva, ao proceder ao exercício de interrogação constante. É através das interações realizadas e das novas associações que se dá o desenvolvimento dos processos criativos, permitindo o desenvolvimento integral do indivíduo.

Consideramos que, com este trabalho fomos capazes de proporcionar às crianças aprendizagens diversificadas, contribuindo para o desenvolvimento do seu pensamento criativo. Julgamos ainda que, conseguimos ir ao encontro das suas motivações nos diversos momentos criados, tendo em conta os seus interesses, potencialidades e necessidades.

Contradizendo os desenhos pré-feitos que eram fomentados pela educadora, tentámos diversificar as propostas apresentadas ao grupo. Com o desenvolvimento do projeto de investigação, fomos analisando que todos os participantes do estudo têm potencial criativo, e que esse só precisava de ser fomentado. Ao serem facultados recursos que ampliaram a possibilidade de inovar, todas as crianças reagiram mostrando que têm dentro de si habilidade para criar e experimentar conceitos novos. Ao entendermos a aptidão inata que as crianças têm para serem criativas, consideramos fundamental que o adulto saiba como potenciar essa faculdade, aproveitando e estimulando ao máximo cada menino.

A função criadora está presente em todas as pessoas, mas deve ser influenciada a ser posta a prova a ir mais além. São as vivências e as experiências proporcionadas que transformam o indivíduo e que constroem a sua vida.

A Expressão Plástica é vital no desenvolvimento da criança. Como é motor das capacidades de motricidade fina, pode permitir tornar-se num electricista ou num cirurgião. O desenvolvimento das noções espaciais básicas podem torna-la um arquiteto sensível para a harmonia e sentido estético. A criatividade está presente em toda a vida, quer nas soluções práticas do quotidiano, como na vida profissional. Um gestor, para gerir uma empresa, tem de saber inovar e criar soluções. Um professor deve ser

inventor, para adequar as suas aulas aos diferentes alunos, e um guia turístico têm de ser criativo na forma com trabalha no contato diário com os diferentes clientes.

É essencial promover experiências diversas e, se possível, proporcionar o contacto com outras realidades através de filmes, documentários, museus ou até viagens. Durante o período de investigação um menino da sala realizou uma viagem familiar a Londres, no dia em que voltou para a escola sentou-se na mesa dos legos e, de forma autónoma, construiu o Big Ben. O fascínio por poder contar aos amigos o que tinha visto naquela cidade manifestou-se através da construção com legos do relógio. Esta experiência abriu-lhe novas possibilidades de poder imaginar e inventar novos mundos através de tudo o que viu de diferente e novo.

O desenvolvimento deste trabalho investigativo, revelou ser bastante estimulante para as crianças, conferindo uma nova dinâmica à sala. Num local onde é dada bastante relevância às aprendizagens formais, realizadas através do preenchimento de fichas de grafismos, a liberdade concedida ao grupo revelou resultados bastante significativos na promoção da criatividade. À medida que o tempo foi passando, e que as diferentes atividades foram sendo desenvolvidas na sala, foi possível constatar que a educadora começou a incitar as crianças a realizarem mais desenhos com temas à sua escolha, melhorando significativamente os aspetos relacionados com a motricidade fina, nomeadamente o controlo do lápis.

Apesar de as crianças estarem numa fase de maturação das suas competências, e que com o passar do tempo as suas capacidades ao nível do desenho e controlo motor se vão aperfeiçoando, julgamos que o projeto desenvolvido contribuiu para melhorar e aperfeiçoar esses fatores.

No nosso entender, este projeto ainda poderia ser continuado, pois quanto maior for o espectro de conhecimento, mais alargadas são as possibilidades que são dadas as crianças. Como questões de investigação futuras, são sugeridas questões relacionadas com o trabalho de grupo e as possibilidades existentes na interação com os pares para a promoção da criatividade. Consideramos também ser pertinente realizar-se um estudo, sobre o modo de atuar de diferentes educadores e os seus olhares críticos sobre a temática em estudo, tentando promover a necessidade de desenvolver os processos criativos desde a infância.

Saint-Exupéry (1946) reforça a necessidade de o adulto expandir os seus horizontes, sendo capaz de se aproximar da criança com um olhar inocente e livre de pré-conceitos.

“Mostrei minha obra-prima às pessoas crescidas. Perguntei-lhes se o meu desenho metia medo. Responderam-me «Por que um chapéu daria medo?» O meu desenho não era um chapéu. O meu desenho era uma jibóia a fazer a digestão de um elefante. (...) As pessoas crescidas disseram que era preferível eu deixar-me de jiboias abertas e jiboias fechadas e dedicar-me à geografia, à história, à matemática e à gramática. (...) As pessoas crescidas nunca entendem nada sozinhas e uma criança acaba por se cansar de lhes estar sempre a explicar tudo.” (p 8-9)



*Figura 5 Ilustração de Saint-Exupéry (1946)*

Fernando Pessoa afirmava “Viver não é necessário, necessário é criar”, como adultos e educadores temos o dever de proporcionar às crianças diversas formas de exploração do mundo, para que elas se tornem adultos criativos capazes de solucionar os desafios que a vida propõem.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aires, L (2011). *Paradigma Qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Amabile, T. (2012). *Componential Theory of creativity*, Harvard Business School, (p. 3-4).

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Borges, R. (2008). A criança e o desenho. *Revista da associação de professores de Expressão e comunicação visual*. Porto: APECV. nº 49, 12-14.

Cavalcanti, J. (2006). A Criatividade no processo de humanização. *Saber(e)Educar*. Porto: ESE de Paula Frassinetti. nº 11, (p. 89-98).

Condessa, I. (org) (2009). *(Re)aprender a brincar: Da especificidade à diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Coutinho, C. P, Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M.J. & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, Vol. XIII, nº2, Dezembro de 2009, (p. 355-379).

Folque, M. (1999). *A influência de Vigotsky no Modelo Curricular do Movimento da Escola Moderna para a Educação Pré-Escolar*. Escola Moderna, nº 5, 5ª série. Recuperado em Junho 05, 2015, de [http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1\\_2\\_0\\_mod\\_pedag\\_mem/120\\_c\\_02\\_infl\\_vigostky\\_pre\\_afolque.pdf](http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1_2_0_mod_pedag_mem/120_c_02_infl_vigostky_pre_afolque.pdf)

Formosinho, J. O. (1996). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.

Gloton, R. & Clero, C. (1974). *A actividade criadora na criança*. Lisboa: Editorial Estampa.

Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora.

Linda, M (2004). *António Sérgio Pensamento e Acção*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Lowenfeld, V. e Brittain, W.I. (1974). *O desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou.

Lowenfeld, V. & W. Lambert Brittain. (1980). *Desarrollo de la Capacidad Creadora, série didáctica, Biblioteca de Cultura Pedagógica*. Buenos Aires: Editorial Kapeluz.

Matta, I. (2001). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Máximo-Esteves, L. (1998). *Da Teoria à Prática: Educação Ambiental com as Crianças Pequenas ou o Fio da História*. Porto: Porto Editora.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Coleção infância (Vol. 13). Porto: Porto Editora.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Monge, M., Rosário, M. & Cañamero, G., (2000). *Criatividade na coeducação. Uma estratégia para a mudança*. Lisboa: Comissão para a igualdade e para os direitos das mulheres.

Morin, E. (2001). *O Desafio do Século XXI: Religar os conhecimentos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Oech, R. (1988). *Um “Toc” na cuca - Técnicas para quem quer ter mais criatividade na vida*. São Paulo: Livraria Cultura Editora.

Robinson, K. (2010). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.

Rodari, G. (1993). *Gramática da Fantasia*. Lisboa: Editorial Caminho.

Rodrigues, D. D. (2002). *A Infância da Arte, a Arte da Infância*. Porto: Edições Asa.

Saint-Exupéry, A. (1946). *O Príncipezinho*, Lisboa: Editorial Presença.

Sousa, A. (1974). *Educação pelas artes e artes na educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. (2003). *A arte de descobrir a criança*. Amadora: Raiz Editora.

Torre, S. (2005). *Dialogando com a Criatividade – da identificação à criatividade paradoxal*. São Paulo: Madras.



# ANEXOS



# ANEXO 1

QUESTIONÁRIO REALIZADO À EDUCADORA

**A PROMOÇÃO DA CRIATIVIDADE NA EXPRESSÃO PLÁSTICA**

**QUESTIONÁRIO PARA EDUCADORES**

1. Quantas crianças têm na sua sala?

18

2. O que considera por criatividade?

Dar asas à sua imaginação

3. No seu dia-a-dia da sala, promove atividades de expressão plástica? Com que frequência?

Sim, 1 vez por semana

4. Quais são as atividades de expressão plástica mais desenvolvidas na sala?

→ Pintura

→ Modelagem

5. Na sua prática pedagógica no desenvolvimento da expressão plástica, é mais frequente: impor um modelo para a criança copiar, dar um tema para a criança explorar ou deixa a criança explorar livremente os diferentes materiais?

⇒ Através de um tema cada criança o desenvolve de forma individual e sem interação do adulto.

6. Procura responsabilizar e envolver as crianças na realização dos diferentes trabalhos?

Sim.

7. Considera que o adulto é o principal motivador/ inibidor da ação criadora? Justifique.

Não. Para criança deve ser estimulada para o consegue sozinha.

8. Ao apresentar um desenho para a criança colorir, considera que está a promover a expressão plástica? E a criatividade?

Não.

9. Considera importante que existam regras no decorrer de atividades de expressão plástica? Se sim, quais são as estratégias que utiliza?

Sim. Deve haver sempre regras no desenvolvimento de qualquer tipo/forma/... de atividade, temos de incentivar e ajudar as crianças para apresentação das mesmas.

10. "As crianças condicionam a sua criatividade devido ao meio onde estão inseridas."

Concorda com esta afirmação? Justifique.

| INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

Sim. O melhor exemplo... é uma criança de 4 anos que se encontra inserido neste grupo, sendo uma criança que ~~está~~ vive numa casa de acolhimento e a sua cor mais usada é o preto!

-



# ANEXO 2

RELATÓRIO DIÁRIO – DESENHO PRÉ-FEITO DA  
MÁSCARA DE CARNAVAL



**Relatório Diário**

Data 11 / Fev / 2015

1.Situações de aprendizagem/Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
Acolhimento	X			
Terminar o desenho iniciado no dia anterior	X			
Colorir o desenho da máscara de carnaval			X	
Higiene	X			
Almoço	X			
Recreio	X			
<b>2. Metas, domínios e conteúdos/temáticas abordadas</b>	<b>3. Competências específicas trabalhadas</b>			
A criança sabe aguardar a sua vez para comunicar A criança sabe manejar a tesoura; a criança planeia o seu trabalho A criança sabe realizar a sua higiene sozinha A criança realiza, sem ajuda, tarefas como utilizar adequadamente os talheres Sociabilização	Concentração Motricidade Fina Autonomia Autonomia  Sociabilização			
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b> *campo de preenchimento não obrigatório e a preencher quando ocorrer algo que se destaque como situação crítica"				
<b>Estagiário</b>		<b>Crianças</b>		
<b>5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.</b> A manhã iniciou-se com a marcação das presenças. Em seguida as crianças terminaram de colar um papagaio de papel no trabalho do dia anterior pois, esta era uma peça fundamental no livro e no desenho. Após completarem o desenho as crianças iniciaram a pintura da mascara de carnaval. Esta foi uma atividade que todas as crianças dos 5 anos tinham de realizar. Fora distribuídas as fotocópias das máscaras de carnaval pré-feitas que as crianças tinham de colorir ao seu gosto. Todas as crianças oram capazes de pintar a máscara. Algumas não se restringiram às linhas da imagem e criaram formas a seu gosto na máscara, mas nenhuma criança foi capaz de desenhar algum elemento novo e surpreendente. Todos tentaram pintar dentro das linhas da melhor forma possível. Durante a realização do trabalho as crianças mostraram estar muito inquietas e conversadoras. O P. e o T. atiraram lápis para o chão, resultado da inquietação e do desinteresse mostrado pelo trabalho a ser desenvolvido. As conversas que surgiam não abordavam o tema que estava a ser tratado, eram partilhas sobre vivências ou super-heróis.				
<b>6. Auto-reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade de gestão da ação educativa e do empenhamento pessoal.</b>  <b>Aspetos Fortes da intervenção</b> Foi importante reforçar mais um pouco a história, as crianças puderam fazer mais algumas perguntas e terminar o desenho com tempo. <b>Aspetos a melhorar em próximas intervenções (como?)</b> A estagiária deveria ter levado logo no primeiro dia o papagaio de papel para colar no desenho das crianças.				

**Assinatura** \_\_\_\_\_



# ANEXO 3

RELATÓRIO DIÁRIO - DESENHO A PARTIR DA  
HISTÓRIA “O MEU GATO É O MAIS TOLO DO MUNDO”



**Relatório Diário**

**Dias: 1, 2, 3 de Junho de 2015**

<b>1.Situações de aprendizagem/Rotinas</b>	<b>Previstas e realizadas</b>	<b>Previstas e não realizadas</b>	<b>Não previstas e realizadas</b>	<b>Notas</b>
<b>SEGUNDA</b>	----	---	---	----
Insuflável		<b>X</b>		
Recreio	<b>X</b>			
Insuflável			<b>X</b>	
Jogo das cadeiras	<b>X</b>			
Jogos de roda	<b>X</b>			
<b>TERÇA</b>	----	----	----	----
Pintura das esculturas de barro	<b>X</b>			
Ficha de Matemática	<b>X</b>			
<b>QUARTA</b>	----	----	-----	-----
História: <i>O meu gato é o mais tolo do mundo.</i> Editora: Caminho	<b>X</b>			
Conversa sobre a história	<b>X</b>			
Desenho criativo sobre a história: Se o gato fosse teu o que fariam juntos?	<b>X</b>			
<b>2. Metas, domínios e conteúdos/temáticas abordadas</b>	<b>3. Competências específicas trabalhadas</b>			
<p align="center"><b>SEGUNDA</b> Formação Pessoal e social; Cooperação Expressão Motora: Deslocamento e equilíbrio Expressão Motora: Jogos</p> <p align="center"><b>TERÇA</b> Expressão Plástica; Produção e criação Matemática: Números e Operações</p> <p align="center"><b>QUARTA</b> Linguagem Oral e Abordagem à escrita; Compreensão de discursos orais e interação verbal Expressão Plástica: Produção e Fruição</p>	<p align="center"><b>SEGUNDA</b> Brinca com os seus pares. Partilhando o espaço e os brinquedos sem conflito Realiza percursos movimentando-se em todas as direções com apoio das mãos e pés em equilíbrio Cumpre as regras dos jogos. Realiza com intencionalidade as ações características desses jogos</p> <p align="center"><b>TERÇA</b> Utiliza com controlo o pincel Reconhece os números de 1 a 10</p> <p align="center"><b>QUARTA</b> Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente. Recria uma história através do desenho acrescentando fatores novos.</p>			
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>				
<b>Estagiário</b>	<b>Crianças</b>			
O dia da criança foi um dia bastante descontraído onde foi possível brincar com todas as crianças fazendo os jogos que estas gostavam.				

### **5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.**

A semana começou muito alegre, como era dia da criança a escola fez uma surpresa às crianças e estas tiveram a possibilidade de ir ao pátio brincar no período da manhã onde os adultos brincaram com as crianças subindo e descendo do escorrega e realizando jogos de apanhada com as crianças que desejavam participar, foi sem dúvida um momento muito bem passado com as crianças. Às dez e meia da manhã foi montado um insuflável para as crianças puderem brincar e pular à vontade, como este era pequeno só podia ir uma sala de cada vez de acordo com um horário pré-estabelecido.

Quando as crianças foram para a sala a estagiária dinamizou o jogo das cadeiras que foi feito três vezes com as crianças, estavam todos muito animados. A B. foi a única criança que não aceitou bem a sua derrota acabando por implicar com o D..

Em seguida foram dinamizados alguns jogos de roda. Dois jogos eram novos para as crianças o que requereu alguma atenção da parte destas para captarem as instruções e aprenderem as canções associadas a cada jogo. Com exceção do G. que não conseguiu reproduzir nenhuma das duas canções ensinadas, as outras crianças foram conseguindo acompanhar o grupo.

O M. H. propôs ainda fazer um jogo que a estagiária não conhecia, as crianças explicaram as regras e foi realizado com muito sucesso e empenho da parte destas.

Na terça-feira a proposta de trabalho foi terminar a pintura das esculturas em barro inspiradas em Miró. As crianças foram repartidas em dois grupos, um ficava com a estagiária a realizar a pintura e as outras crianças ficaram com a educadora a realizar uma ficha de trabalho de matemática. À medida que as crianças terminavam as pinturas e lavavam as mãos trocavam de lugar com uma criança que estava a fazer a ficha de matemática.

No decorrer da atividade de pintura foi observado que três crianças (o P, o T. e o MC) tiveram algumas dificuldades em controlar o movimento do pincel deixando muitos espaços por pintar ou misturar em excesso as cores não respeitando os diferentes contornos por eles criados. O A. foi a única criança que misturou propositadamente as cores azul e amarelo para criar verde para pintar a roupa do seu boneco.

No final da manhã todas as crianças conseguiram terminar a pintura da escultura mas nem todas foram capazes de terminar a ficha de matemática que foi proposta, as crianças perdem muito tempo a fazer estas fichas pois perdem a concentração muito facilmente.

Na quarta-feira foi contada e analisada a história *O meu gato é o mais tolo do mundo*. Antes de se iniciar a narração da história foram revistos alguns conceitos sobre os livros, identificando a capa, a contra-capas, a lombada, os autores, as ilustrações e os ilustradores. Em grupo as crianças foram capazes de identificar todos estes aspetos do livro. Antes de ser iniciada a leitura do título da história foi pedido às crianças que tentassem identificar o título com base nas ilustrações da capa.

D. M. – O elefante que anda de skate.

V. – O elefante dorminhoco.

Gu. – O elefante que gostava de cenouras

B.- O elefante que não têm amigos.

Todas as crianças foram convidadas a participar antes de ser desvendado o verdadeiro título. Durante a narração da história as crianças permaneceram muito quietas e atentas, a B. esteve com um olhar desconfiado e com a testa franzida durante toda a leitura.

Durante a conversa de exploração da história foram identificadas as personagens da história e a ação que sucedia. Foi pedido a todas as crianças que imaginassem que aquele gato fosse delas e que numa folha desenhassem este gato tão especial com eles num local que estes gostassem.

As crianças foram muito rápidas a fazerem a atividade apesar de terem conversado bastante com os colegas da mesa referindo o que estavam a desenhar, notou-se que estavam entusiasmadas com a sua criação e que as atividades de desenho livre são das suas atividades prediletas apesar de algumas vezes terem alguma “preguiça” de colorir os desenhos pintando dentro das linhas e sem riscos brancos. É possível notar que para estas crianças o processo criativo é mais significativo e intenso do que a pintura com lápis de cor.

A L.foi a única criança que necessitou de acompanhamento na atividade, apesar de esta ser uma menina muito ativa neste dia estava mais apagada por isso foi-lhe dada uma ajuda especial através do reforço positivo no decorrer do trabalho.

**6. Auto-reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade de gestão da ação educativa e do empenhamento pessoal.**

**Aspetos Fortes da intervenção**

A pintura das esculturas foi uma atividade que correu muito bem, as crianças já são bastante autónomas no uso dos pinceis e sabem cumprir as regras de partilha dos potes de tinta com calma para não haver acidentes.

**Aspetos Fracos da intervenção**

**Aspetos a melhorar em próximas intervenções (como?)**

Assinatura \_\_\_\_\_



# ANEXO 4

RELATÓRIO DIÁRIO - EXPERIÊNCIA SOBRE A  
INFLUÊNCIA DO ADULTO



**Relatório Diário**

Data 23 / Mar / 2015

1.Situações de aprendizagem/Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
Acolhimento	X			
Desenho de uma casa	X			
Aula de Inglês	X			Aula lecionada por uma professora externa
Higiene	X			
Almoço	X			
Recreio	X			
<b>2. Metas, domínios e conteúdos/temáticas abordadas</b>			<b>3. Competências específicas trabalhadas</b>	
A criança sabe aguardar a sua vez para comunicar Expressões; Expressão Plástica –Desenvolvimento da criatividade Conhecimento do Mundo através do contacto com uma língua nova - Inglês A criança sabe realizar a sua higiene sozinha A criança realiza, sem ajuda, tarefas como utilizar adequadamente os talheres Sociabilização			Concentração Criatividade. Capacidade de imaginar e inventar algo novo Aprendizagem de uma nova língua  Autonomia Autonomia  Sociabilização	
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>				
<b>Estagiário</b>			<b>Crianças</b>	
A estagiária acompanhou as crianças durante todo o processo de realização dos desenhos, encorajando as crianças a irem mais longe mas nunca dando ideias nem comprometendo as suas ideias e idealizações				
<b>5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.</b>				
A manhã iniciou-se mais tarde do que o previsto. Como a escola está numa fase de interrupção letiva e não existem planificações, os pais aproveitam para passar mais algum tempo de manha com os seus filhos acabando por os trazer à escola mais tarde do que a hora habitual. Eram 10:15 quando a manhã se iniciou no tapete. Marcadas as presenças conversou-se sobre o fim-de-semana e sobre o que tinham feito. Em seguida a estagiária pediu às crianças que desenhassem uma casa. Este desenho é parte integrante da problemática de investigação. Será que o adulto influencia os desenhos das crianças e consequentemente consegue colocar a sua imaginação “a funcionar”? Para tentar responder a esta questão a estagiária propôs que as crianças realizassem um desenho de uma casa. Não foram dados exemplos nem ideias, só foi dito “- Quero que desenhem uma casa. Vamos ao trabalho! Tudo para as mesas de trabalho com calma.” Durante a realização do trabalho foram registados alguns comentários espontâneos das crianças: C. “- Muita fácil desenhar uma casa” G. “- Eu fiz a Primavera no meu desenho” I. “- O meu está lindo”				

P. “-O senhor mora no caixote do lixo mas tem uma casa”

T. “- A menina está à varanda a ver o senhor à porta”

À medida que as crianças terminaram o desenho foi possível brincarem um pouco antes da aula de inglês.

**6. Auto-reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade de gestão da ação educativa e do empenhamento pessoal.**

**Aspetos Fortes da intervenção**

As atividades da sala são sempre bastante orientadas e concretas. Este desenho foi totalmente livre e consequentemente as crianças tiveram a liberdade de representar ideias suas e ainda imaginar novas situações.

**Aspetos Fracos da intervenção**

**Aspetos a melhorar em próximas intervenções (como?)**

Assinatura \_\_\_\_\_

Relatório Diário

Data 24 / Mar / 2015

1.Situações de aprendizagem/Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
Acolhimento	X			
Conversa sobre uma casa imaginária	X			
Desenho da casa imaginária	X			
Higiene	X			
Almoço	X			
Recreio	X			
<b>2. Metas, domínios e conteúdos/temáticas abordadas</b>			<b>3. Competências específicas trabalhadas</b>	
A criança sabe aguardar a sua vez para comunicar Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Interação Verbal Expressões; Expressão Plástica –Desenvolvimento da criatividade A criança sabe realizar a sua higiene sozinha A criança realiza, sem ajuda, tarefas como utilizar adequadamente os talheres Sociabilização			Concentração Capacidade de inventar e imaginar algo novo. A criança sabe partilhar informação oralmente através de frases coerentes Criatividade. Capacidade de imaginar e inventar algo novo Autonomia Autonomia Sociabilização	
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b> *campo de preenchimento não obrigatório e a preencher quando ocorrer algo que se destaque como situação crítica"				
Estagiário			Crianças	

A Educadora viu que a parede da sala estava pintada com riscos, reuniu os meninos todos e pediu que explicassem o que tinha sucedido. Logo dois meninos se acusaram tentando explicar o sucedido. A educadora ouviu-os e pedi-lhes que lavassem a parede com um pano húmido. No final eles pediram desculpas e prometeram não voltar a fazer aquela asneira.

#### **5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.**

Em continuação com o trabalho iniciado no dia anterior, hoje a proposta que foi colocada para as crianças realizarem foi novamente uma casa. Contudo, desta vez o desenho foi influenciado por uma conversa. A estagiária disse que gostava de desenhar uma casa palácio onde viviam ratinhos dançarinos, e pediu a cada criança que partilhasse uma casa onde gostasse de morar. Nessa conversa surgiram ideias como “uma casa na árvore”, “uma casa algodão doce”, “uma casa de peixes e tubarões”, “uma casa de piratas”, “uma casa carro”.... Foi possível constatar que a conversa inicial influenciou as crianças a “fugirem” ao comum e a criarem com a sua imaginação algo que até podia não ser real.

Após a partilha de ideias todas as crianças foram para as mesas de trabalho. Este exercício teve a duração média de 55 minutos, contrariando o dia anterior em que as crianças só se envolveram no trabalho durante 35 minutos. Foi também possível constatar que houve bastante partilha de informação, existindo muitos meninos a partilhar a sua história enquanto desenhavam.

Todos os meninos foram capazes de criar e imaginar uma casa diferente pintando depois a seu gosto.

Observando os dois desenhos é clara a diferença de resultados. O primeiro desenho não sofreu influências do adulto, a maioria dos desenhos são de casas estereotipadas não existindo nenhum desenho “maluco” ou muito diferente do esperado. Nesta primeira experiência é possível ver que muitos dos desenhos são copiados e as ideias passaram de uns desenhos para os outros. No segundo desenho é visível a utilização da imaginação. Não existem desenhos iguais, todos tem um tema diferente e abordagens distintas. Cada criança foi de encontro às suas motivações e preferências. No final todas foram capazes de partilhar aquilo que tinham desenhado através de uma história elaborada.

#### **6. Auto-reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade de gestão da ação educativa e do empenhamento pessoal.**

##### **Aspetos Fortes da intervenção**

Estimular a imaginação das crianças é algo muito importante pois é essencial para as criar seres interessados e curiosos sobre o mundo que as rodeia, fazendo perguntas e imaginando novas situações.

##### **Aspetos Fracos da intervenção**

##### **Aspetos a melhorar em próximas intervenções (como?)**

Será que as crianças influenciam-se umas às outras? Numa próxima intervenção pode ser pedida à criança exatamente o mesmo exercício mas desta vez individualmente vendo se existe ou não influencia direta dos pares na elaboração dos desenhos.

Assinatura \_\_\_\_\_



# ANEXO 5

RELATÓRIO DIÁRIO – DESENHO A PARTIR DE UM  
OLHO PRÉ-COLADO NA FOLHA



**Relatório Diário**

**Dias: 27, 28 e 29 de Abril de 2015**

<b>1.Situações de aprendizagem/Rotinas</b>	<b>Previstas e realizadas</b>	<b>Previstas e não realizadas</b>	<b>Não previstas e realizadas</b>	<b>Notas</b>
<b>SEGUNDA</b>	----	---	---	----
Pintura da mãe com pincéis e técnica de esponjamento	<b>X</b>			
<b>TERÇA</b>	----	----	----	----
Pintura da cara de uma senhora através de um olho real colado na folha	<b>X</b>			
<b>QUARTA</b>	----	----	-----	-----
Construção do presente do dia da mãe	<b>X</b>			
Dança	<b>X</b>			
<b>2. Metas, domínios e conteúdos/temáticas abordadas</b>		<b>3. Competências específicas trabalhadas</b>		
<p><b>SEGUNDA</b> Expressão Plástica – Desenvolvimento da Criatividade; Reflexão e Interpretação</p> <p><b>TERÇA</b> Expressão Plástica – Desenvolvimento da Criatividade; Reflexão e Interpretação</p> <p><b>QUARTA</b> Expressão Plástica: Produção e criação Expressão motora: Dança</p>		<p><b>SEGUNDA</b> Utiliza, de forma autónoma, diferentes materiais e meios de expressão (e.g. pintura, colagem, desenho, entre outros)</p> <p><b>TERÇA</b> Utiliza, de forma autónoma, diferentes materiais e meios de expressão (e.g. pintura, colagem, desenho, entre outros)</p> <p><b>QUARTA</b> Utiliza adequadamente os materiais e cria composições variadas Adequa os movimentos corporais ao ritmo da música e memoriza a coreografia</p>		
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>				
<b>Estagiário</b>		<b>Crianças</b>		
<b>5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.</b>				
<p>Na segunda-feira a proposta de trabalho que foi lançada para as crianças realizarem foi de fazerem uma pintura da sua mãe com tintas e pincéis. Todas as crianças estavam sentadas nas mesas e tinham disponível um pote de tinta para dois meninos e um pincel para cada um. O desenho do corpo da mãe foi feito com uma só cor. Após terminarem o contorno do corpo, com uma esponja eram escolhidas cores para pintar a roupa, o chão, o céu e qualquer outro pormenor que fosse relevante. As crianças estava entusiasmadas com a tarefa que lhes foi proposto realizar, ouviam-se comentários de contentamento. A experiência de esponjamento foi um sucesso, foi possível observar que todas as crianças compreenderam a função da esponja e da melhor forma de a manusear. À medida que os desenhos iam sendo terminados eram guardados pelo adulto numa zona reservada e eram dados toalhetes às crianças pala limparem as mãos. Foi também sugerido às crianças que com o mesmo toalhete limpassem o seu lugar de eventuais pingos de tinta que poderia existir. Quando todas as crianças terminaram o</p>				

trabalho chegou a professora de inglês que deu início à sua aula, a estagiária acabou de arrumar as mesas e de lavar os pinceis.

Na terça-feira a manhã iniciou-se com a marcação das presenças no tapete. Neste dia, e como o tema da semana era o dia da mãe, a proposta de trabalho era desenhar uma cara de uma senhora a partir de um olho já previamente colado na folha. Todas as crianças recebiam a olha já preparada e deviam tentar perceber qual o esquema corporal e como o deveriam fazer sozinhas. Esta atividade tornou-se bastante surpreendente pois todas as crianças foram capazes de observar a cara dos colegas e, à medida q iam desenhando, iam descobrindo mais pormenores que podiam ser desenhados. Todos os meninos conseguiram desenhar a cara com todos os seus detalhes, 10 crianças desenharam as orelhas, 6 desenharam o pescoço e só uma desenhou o busto. Todas foram capazes de desenhar o olho que faltava com pormenor, o nariz a boca com ou sem dentes (dependendo se estava a rir ou não) e o cabelo comprido de senhora. Foi um trabalho muito divertido onde todas as crianças foram capazes de identificar e nomear as diferentes partes do rosto com facilidade. O resultado final ficou bastante criativo.

Na quarta-feira foi dia de dar início à construção do presente do dia da mãe. Este é um vaso com três flores. O trabalho foi orientado pela educadora que ia dando tarefas, passo a passo, as crianças para estas realizarem de forma autónoma. Apesar de não ter sido possível terminar a construção do presente foi dado um grande avanço, e certamente que durante a tarde as crianças são capazes de o terminar. Em seguida, as crianças vestira os casacos e fomos todos para o ginásio onde ia ser treinada uma coreografia. Como era o dia mundial da dança todas as turmas da escola foram convidadas a criar uma dança para mostrar num evento que teria lugar na parte da tarde. As crianças dos 5 anos aprenderam muito rápido uma coreografia simples que as educadoras inventaram para elas. A música escolhida era apelativa e ritmada o que facilitou bastante a memorização de todos os passos.

Esta semana que passou a estagiária manteve a sua atitude de pró-atividade ajudando sempre que necessário, dando o melhor contributo possível em cada situação.

#### **6. Auto-reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade de gestão da ação educativa e do empenhamento pessoal.**

Nos tempos de casa de banho a estagiária implementou um jogo da estátua. Como deve ser feito um esforço para as crianças não fazerem muito barulho esta nova estratégia trouxe uma boa dinâmica aos momentos prolongados de espera. Enquanto as crianças estão em estátua para além de não fazerem barulho também são evitados alguns conflitos que tendem a acontecer.

Se a atividade de pintura tivesse sido feita só com algumas crianças de cada vez teria sido mais fácil de coordenar o trabalho e teria sido possível dar maior apoio individualizado, contudo foi uma atividade que correu muito muito bem.

**Assinatura** \_\_\_\_\_

# ANEXO 6

RELATÓRIO DIÁRIO - TÉCNICA DE PONTILHISMO



**Relatório Diário**

**Dias: 18, 19, 20 de Maio de 2015**

<b>1.Situações de aprendizagem/Rotinas</b>	<b>Previstas e realizadas</b>	<b>Previstas e não realizadas</b>	<b>Não previstas e realizadas</b>	<b>Notas</b>
<b>SEGUNDA</b>	----	---	---	----
Conversa sobre as regras de segurança em caso de sismo	X			
Criação de um panfleto sobre as regras de segurança enumeradas	X			
<b>TERÇA</b>	----	----	----	----
Observação de obras de Van Gogh	X			
Pintura com técnica de Pontilhismo	X			
<b>QUARTA</b>	----	----	----	----
Observação de obras de Ursus Wehrli	X			
Atividades de exploração do autor Ursus Wehrli	X			
<b>2. Metas, domínios e conteúdos/temáticas abordadas</b>		<b>3. Competências específicas trabalhadas</b>		
<p><b>SEGUNDA</b> Linguagem Oral e Abordagem à escrita: Compreensão de discursos orais e interação Verbal Linguagem Oral e Abordagem à escrita: Conhecimento das convenções gráficas</p> <p><b>TERÇA</b> Linguagem Oral e Abordagem à escrita: Compreensão de discursos orais e interação Verbal Expressão Plástica: Desenvolvimento da criatividade</p> <p><b>QUARTA</b> Matemática: Números e operações</p>		<p><b>SEGUNDA</b> Partilha informação oralmente através de frases coerentes; Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente Atribui significado à escrita em contexto</p> <p><b>TERÇA</b> Partilha informação oralmente através de frases coerentes; Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente Utiliza, de forma autónoma, diferentes materiais e meios de expressão</p> <p><b>QUARTA</b> Exprime as suas ideias sobre como resolver problemas específicos oralmente Classifica objetos, fazendo escolhas e explicando as suas decisões.</p>		
<b>4. Deteção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>				
<b>Estagiário</b>		<b>Crianças</b>		
		Na exploração da atividade de Ursus Wehrli quase todas as crianças seguiram um padrão comum, ou a escolha da cor ou a organização por categoria de objeto. Só uma criança é que pensou “out side the box” e fez a organização pondo a mesa como se fosse almoço.		
<b>5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.</b>				
Na segunda-feira a manhã foi dedicada ao tema da segurança em caso de sismo. Seguindo as informações recolhidas na visita ao ti-no-ni na semana anterior, as crianças foram incentivadas a partilhar o que tinham retido sobre o tema em questão. Foi possível contactar que todas as crianças que tinham estado presentes na				

semana anterior sabiam responder à perguntas colocadas e sabiam quais eram os passos a fazer antes, durante e após um terramoto.

Em seguida foi elaborado um panfleto, no quadro foram escritas algumas frases chave que as crianças tinham de copiar para a folha e ilustrar em seguida. O panfleto estava dividido em 3 partes: Antes; durante; depois. Em cada caso foram exploradas duas ou três mensagens essenciais de prevenção e proteção.

Este foi um trabalho elaborado todos ao mesmo tempo, sendo por isso verificado que alguns meninos apresentam maiores dificuldades em acompanhar o grupo acabando por ficar um pouco para trás como é o caso do Mt, o DC, o G, o T e a L.

Na terça-feira a proposta foi de exploração e conversa sobre algumas obras famosas do pintor Vincent van Gogh. Foram dadas a conhecer algumas das suas grandes obras como fonte de inspiração para o trabalho que ia suceder.

Em seguida todas as crianças receberam uma folha de papel cavalinho e um lápis de carvão.

Foi pedido às crianças que com base no que viram, para realizar um desenho grande para puderem aplicar a técnica de pontilhismo nas suas criações. À medida que foram terminando os desenhos a carvão foram sendo colocados pratos com tintas e vários cotonetes para iniciarem a coloração do trabalho. Como não havia todas as cores disponíveis para todas as mesas, a estagiária foi rodando os pratos à medida que as crianças pediam outras cores para o seu desenho.

Todas as crianças foram capazes de compreender e aplicar a técnica contudo, algumas não desejaram pontilhar todo o trabalho enquanto outras deixaram pouco espaço em branco.

O D.M. inspirou-se no quadro “A noite estrelada” para pintar o espaço, enquanto que o D.C. e a L. inspiraram-se na série criada pelo mesmo artista “Les –Saint-Maries” que representavam barcos de pesca.

Na quarta-feira, a atividade proposta foi de observação do artista Ursus Wehrli e em seguida foram realizados três exercícios matemáticos onde as crianças deveriam ser capazes de explicar quais foram os critérios de seleção utilizados.

No primeiro momento de observação das imagens foram explicados às crianças quais tinham sido os critérios utilizados pelo artista. As crianças foram chamadas a intervir e partilhar as suas ideias com o grupo. Em seguida foi pedido que estas fizessem uma previsão de uma organização possível para as imagens que foram apresentadas em seguida, após terem sido observadas duas imagens as crianças foram capazes de fazer previsões sobre o que iria suceder.

Em seguida foram realizadas 3 atividades individualmente. As restantes crianças estiveram a realizar a ficha da letra J e F com a auxiliar.

1ª – Vários objetos da casinha (pratos, copos, garfos, facas e colheres) com cores: amarelo, verde, azul e encarnado. É pedido à criança que organize e posteriormente explique o critério que utilizou.

2ª- Uma imagem de uma caixa com batatas fritas e ketchup em cima. É pedido à criança que organize e posteriormente explique o critério que foi utilizado.

3ª- Uma folha com quadrados desenhados. É pedido à criança que pinte com lápis de cor os quadrados, que os recorte e que cole ordenando por cores. No final perguntar qual foi o critério utilizado.

Não foi possível terminar a atividade nº2 e nº3 com todas as crianças, contudo a atividade nº 1 foi terminada com resultados bastante interessantes. Foi possível registar que todas as crianças foram capazes de encontrar uma solução criativa para o problema apresentado e que os critérios de organização mais registados foram a ordenação por categoria.

Como se pode ver na tabela em anexo, referente à primeira atividade, os critérios de seleção mais utilizados pelas crianças foi a ordenação dos materiais por categorias, não dando relevância aos diferentes tipos de pratos existentes na amostra. É também possível verificar que das 13 crianças participantes do estudo só uma utilizou o critério de seleção por cores e só uma pôs a mesa, terminado o exercício a criança disse: - Pronto, agora já podemos almoçar os dois.

**6. Auto-reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade de gestão da ação educativa e do empenhamento pessoal.**

**Aspetos Fortes da intervenção**

A visualização de dois autores com modos diferentes de pensar foi um ponto forte nesta semana de intervenção. Vincent van Gogh é um artista clássico. O outro autor foi pertinente devido à surpresa que cria no sujeito que vê a obra. Esta foi encarada como um jogo onde todas as crianças puderam tentar adivinhar e criar uma solução possível para a organização do quadro.

**Aspetos a melhorar em próximas intervenções (como?)**

Melhor organização da sala na atividade Ursus Werli. Como estão três atividades a acontecer ao mesmo tempo nem sempre é fácil orientar e dar o apoio necessário a cada criança no momento certo. É proposto que na próxima sessão para terminar os trabalhos que a estagiária tente organizar melhor as crianças.

**Assinatura** \_\_\_\_\_



# ANEXO 7

RELATÓRIO DIÁRIO – DESENHO ABSTRATO E  
ESCULTURAS DE MIRÓ



**Relatório Diário**

**Dias: 25, 26 e 27 de Maio de 2015**

<b>1.Situações de aprendizagem/Rotinas</b>	<b>Previstas e realizadas</b>	<b>Previstas e não realizadas</b>	<b>Não previstas e realizadas</b>	<b>Notas</b>
<b>SEGUNDA</b>	----	---	---	----
Atividades de exploração do autor Ursus Wehrli	X			
<b>TERÇA</b>	----	----	----	----
Conhecimento e visualização de pinturas de Miró	X			
Desenho Abstrato, a partir de uma linha	X			
<b>QUARTA</b>	----	----	-----	-----
Conhecimento e visualização de esculturas de Miró	X			
Modelagem de barro	X			
<b>2. Metas, domínios e conteúdos/temáticas abordadas</b>		<b>3. Competências específicas trabalhadas</b>		
<p><b>SEGUNDA</b> Matemática: Números e operações</p> <p><b>TERÇA</b> Expressão Plástica: Desenvolvimento da Criatividade; Reflexão e Interpretação</p> <p>Expressão Plástica: Desenvolvimento da Capacidade de Expressão; Produção e Criação</p> <p><b>QUARTA</b></p>		<p><b>SEGUNDA</b> Classifica objetos, fazendo escolhas e explicando as suas decisões.</p> <p><b>TERÇA</b> Emite juízos sobre formas visuais, indicando os seus critérios</p> <p>Cria algo a partir de uma ideia já iniciada</p> <p><b>QUARTA</b> Conhecimento de esculturas de Miró Modelagem de barro</p>		
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>				
<b>Estagiário</b>		<b>Crianças</b>		
As atitudes continuam a ser boas, as atividades são bem estruturadas e adequam-se ao trabalho que tem sido desenvolvido na sala.				
<b>5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.</b>				
<p>Na segunda feira foi terminado o trabalho que tinha sido iniciado na quarta-feira anterior. Faltavam algumas crianças completarem o segundo momento de criarem uma solução para organizar “à moda de Ursos Werli”. Foi observado e registado que todas as crianças foram capazes de realizar o trabalho, 7 crianças optaram por organizar as batatas e o ketchup dentro da caixa e 6 organizaram fora. Uma criança colocou ainda o ketchup dentro de uma caixa, arranjando deste modo um modo bastante criativo de organização dos elementos da imagem. Foi uma atividade desafiante que todas as crianças foram capazes de solucionar utilizando uma forma criativa para o solucionar.</p> <p>Na terça-feira foi iniciado um novo tema abordando um novo artista, Miró. Iniciamos mostrando algumas obras abstratas do pintor, foi perguntado às crianças se sabiam o que era Arte e o que era pintura abstrata. A estas duas perguntas recebemos as seguintes respostas: -Arte é saber desenhar.</p>				

-A arte está nos museus.

- Quando nós pintamos também é arte!

À segunda questão uma menina soube responder: - A arte abstrata é quando nós não percebemos o que e podemos ver coisas diferentes.

O T. disse que já tinha visto muitos quadros e tinha em casa da avó um quadro grande com muitas cores que cada pessoa podia ver coisas diferentes quando olhavam para ele.

Após terminado este momento foi dada uma folha A4 a cada criança com um elemento previamente desenhado. A partir desse elemento as crianças tinham de fazer um desenho abstrato inicialmente a lápis de carvão, em seguida passaram as linhas por caneta de feltro e no final coloriam com lápis de cera. No final foi realizado um registo escrito em todos os desenhos com a reflexão de cada criança. Foi possível observar a alegria das crianças e o empenho que estas colocaram na realização do trabalho.

Na quarta-feira foi abordado o mesmo artista, Miró, mas desta vez na sua vertente de escultura abstrata. Em grande grupo foram abordados mostrando algumas imagens e discutindo as diferentes formas e aspetos que as esculturas transpareciam. As crianças estiveram participativas e todas quiseram participar na conversa de forma ativa partilhando as suas ideias.

Em seguida, todas as crianças receberam um pedaço de barro para modelar a seu gosto. Conversaram todas muito durante a realização deste trabalho explorando inicialmente as várias capacidades do barro e posteriormente modelando algo que desejassem. Foi distribuído um palito a cada criança para fazerem algumas marcas na escultura ou para o incluírem na sua obra.

Todas as crianças realizarem sem dificuldade a proposta. Estavam empenhadas na elaboração da sua escultura e partilhavam com os colegas as diferentes conquistas. É visível a influência que algumas crianças tem nos grupos de trabalho, aquelas que são mais criativas surgem muitas vezes como modelo a seguir e na mesma mesa acabam por surgir vários elementos repetidos. Esta partilha de informações é essencial não só para convivência social da criança mas também para alargar o espectro de ideias e informações recolhidas. É através da imitação que a criança apreende o mundo onde vive por isso torna-se essencial que exista partilha de informações nos diversos contextos.

#### **6. Auto-reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade de gestão da ação educativa e do empenhamento pessoal.**

##### **Aspetos Fortes da intervenção**

A modelagem foi o ponto forte da semana. As crianças não fazem muitas vezes este tipo de atividade de modelagem e mostraram-se bastante entusiasmadas no decorrer do trabalho.

##### **Aspetos Fracos da intervenção**

##### **Aspetos a melhorar em próximas intervenções (como?)**

Assinatura \_\_\_\_\_

# ANEXO 8

RELATÓRIO DIÁRIO – PINTURA COM GIZ



**Relatório Diário**

**Dias: 8 e 9 de Junho de 2015**

<b>1.Situações de aprendizagem/Rotinas</b>	<b>Previstas e realizadas</b>	<b>Previstas e não realizadas</b>	<b>Não previstas e realizadas</b>	<b>Notas</b>
<b>SEGUNDA</b>	----	---	---	----
Auto-retrato				
<b>TERÇA</b>	----	----	----	----
Desenho a giz numa cartolina escura				
<b>2. Metas, domínios e conteúdos/temáticas abordadas</b>		<b>3. Competências específicas trabalhadas</b>		
<b>SEGUNDA</b> Formação Pessoal e Social, identidade				
<b>TERÇA</b> Expressão Plástica, Desenvolvimento da criatividade; reflexão e interpretação				
		<b>SEGUNDA</b> Reconhece o seu esquema corporal e desenha-o com pormenor, atendendo as suas particularidades.		
		<b>TERÇA</b> É capaz de utilizar um novo material Recria vivências individuais ou ações da sua imaginação e é capaz de as descrever oralmente		
<b>4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)</b>				
<b>Estagiário</b>		<b>Crianças</b>		
Esta foi a última semana de algumas crianças na sala, foi com muito custo que foram feitas as despedidas dos meninos que já não ia ver mais vezes. Muitos pediram para voltar no ano seguinte lá à escola para fazer jogos no recreio.		A fazer o desenho a giz: B. – Parecemos mesmo uns artistas!		
<b>5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.</b>				
<p>Na segunda-feira as crianças foram incentivadas a irem ao espelho analisar o seu esquema corporal, as roupas que tinha vestidas e ainda as suas particularidades.</p> <p>Após identificarem oralmente alguns dos detalhes propostos, as crianças foram para as mesas de trabalho realizar o seu auto-retrato. Como este é um trabalho de representação pessoal foi possível verificar o empenho que cada criança colocou na atividade. Todos desenharam as suas particularidades como um laço na cabeça ou uma ferida no joelho. O grupo este muito calmo no decorrer de toda a atividade, a M. teve necessidade de ir mais uma vez ao espelho relembrar alguns aspetos do seu cabelo que não se recordava. O D. pediu para ir ver de perto melhor a cor dos seus olhos, porque julgava ter um de cada cor.</p> <p>Todas as crianças estiveram focadas no seu trabalho, houve inclusivamente dois rapazes que levantaram o bibe para desenhar o desenho que tinham na t-shirt naquele dia.</p> <p>Todos os meninos conseguiram realizar com bastante sucesso esta tarefa.</p> <p>À medida que terminaram o desenho a educadora foi distribuindo os livros de matemática para terminarem alguns exercícios que estavam em atraso.</p> <p>Na terça-feira, a estagiária propôs uma atividade com um material um pouco fora do comum, giz! Cada criança recebeu uma cartolina e tinha à sua disposição várias cores de giz que podia utilizar como lhe desse mais prazer. Todas as crianças se empenharam no seu trabalho criando “o desenho mais bonito do mundo!”. Como o tema era livre os meninos tiveram a liberdade de desenhar o que mais gostavam o G desenhou a futura ida ao cinema com os pais no dia seguinte, o M.H. e o T. estiveram lado a lado a criar cada um o seu aquário do</p>				

oceanário com animais selvagens. O P. desenhou um palhaço, estava bastante concentrado mordendo a língua e só levantou a cabeça quando terminou a sua obra de arte.

É possível observar que algumas crianças ao interagirem com o colega que está mais próximo, acabam por partilhar ideias e desenhando situações muito semelhantes. Esta partilha acontece quando estas interagem com os amigos criando um clima de harmonia e de cumplicidade, estas interações são fundamentais no desenvolvimento das crianças.

À medida que os trabalhos foram sendo terminados a estagiária escreveu o título que as crianças pretendiam na sua obra e afixou todos os trabalhos na parede. A criação de contraste foi o ponto forte desta experiência.

**6. Auto-reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade de gestão da ação educativa e do empenhamento pessoal.**

**Aspetos Fortes da intervenção**

A possibilidade de dar à criança um novo material para experimentarem e a exploração do contraste da folha escura com o giz branco criou uma dinâmica muito alegre no grupo. Todos os meninos estavam conversadores partilhando com os pares as diferentes histórias e motivações.

**Aspetos Fracos da intervenção**

**Aspetos a melhorar em próximas intervenções (como?)**

Faltou escrever um título no auto-retrato, as crianças deveriam ter sido incentivadas a escreverem o seu nome ou partilharem o que acham que as define.

**Assinatura** \_\_\_\_\_